



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLET)

**MARIA SÔNIA ANIKÁ**

**ENSINO DE LÍNGUA KHEUOL KARIPUNA NA ESCOLA INDÍGENA JORGE  
IAPARRÁ**

**LINHA DE PESQUISA:** Diversidade Linguística na Amazônia

Macapá-AP

2021

MARIA SÔNIA ANIKÁ

**ENSINO DE LÍNGUA KHEUOL KARIPUNA NA ESCOLA INDÍGENA JORGE  
IAPARRÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (PPGLET-UNIFAP) como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Almir Silva  
Gomes

Macapá-AP

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá  
Elaborada por Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

---

A597e Aniká, Maria Sônia.  
Ensino de língua kheuol karipuna na escola indígena Jorge Iaparrá / Maria Sônia Aniká -  
2021.

1 recurso eletrônico. 91 folhas : ilustradas (coloridas).

Dissertação (Mestrado em Letras) – Campus Marco Zero, Universidade Federal  
do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, Macapá, 2021.  
Orientador: Professor Doutor Antônio Almir Silva Gomes

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências e anexos.

1. Indígenas da América do Sul – Línguas. 2. Línguas indígenas. 3. Indígenas –  
Educação. 4. Escola. I. Gomes, Antônio Almir Silva, orientador. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey. 22 edição, 498

---

ANIKÁ, Maria Sônia. Ensino de língua kheuol karipuna na escola indígena Jorge  
Iaparrá. Orientador: Antônio Almir Silva Gomes. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado  
em Letras) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação  
do Programa de Pós-Graduação em Letras, Macapá, 2021.

Nome: ANIKÁ, Maria Sônia.

Título: Ensino de língua kheuol karipuna na escola indígena Jorge Iiaparrá

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (PPGLET-UNIFAP) como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

**Data de aprovação:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Nota:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Antonio Almir Silva Gomes (Presidente)  
PPGLET / Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

---

Profa. Dra. Ana Paula Barros Brandão (Membro - Externo)  
UFPa - Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr. Rosivaldo Gomes. (Membro interno)  
UNIFAP - Universidade Federal do Amapá

---

Profa. Dra. Dra. Nayara da Silva Camargo (Suplente)  
UNIFESSPA / Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

---

Prof. Dr. Eduardo Alves Vasconcelos (Suplente)  
UNIFAP - Universidade Federal do Amapá

## AGRADECIMENTOS

Em meados de 2009, quando passei no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, conheci dois professores que foram especiais em minha trajetória como educadora: Profa. Dra. Elissandra Barros da Silva e Prof. Dr. Antonio Almir Silva Gomes. Posteriormente, quando pensei em cursar mestrado, foram os professores dos quais lembrei como apoio por suas orientações e palavras de carinho. Aesses dois professores, só gratidão! Agradeço principalmente ao professor Antonio Almir Silva Gomes por sua generosidade de abrir caminhos e oportunidades, os quais espero continuarmos trilhando juntos.

Agradeço ao coordenador, professor Eduardo Alves Vasconcelos, e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET-UNIFA) pela oportunidade de estarmos junto nesse curso de mestrado.

Agradeço também aos colegas do curso com quem tive oportunidade de discutir trabalhos acadêmicos realizados em troca de informações e experiências.

Agradeço aos meus colegas professores da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá e ao cacique da minha comunidade por me apoiarem em minha pesquisa.

E sei que não teria feito este trabalho se não pudesse contar com o amor e a companhia da minha família.

Agradeço a Deus pela oportunidade como indígena karipuna de terminar o curso de Linguística do PPGLET e pesquisar a minha própria língua kheuol que representa meu povo na cultura, tradição e identidade.

Agradeço muito a Deus e à Virgem de Guadalupe por ter me ajudado nesta jornada.

## RESUMO

A realização deste trabalho é fruto de minha experiência profissional na área de Educação Escolar Indígena construída ao longo das últimas quatro décadas junto ao meu povo Karipuna que vive na comunidade Manga, Terra Indígena Uaçá. Como professora das primeiras séries do Ensino Fundamental na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, eu sempre estive atenta a questões que envolvem o ensino da língua Kheuól Karipuna na escola. Sempre me chamou a atenção a falta de material disponível para o ensino da língua, o esforço que os professores faziam para criar materiais próprios, as nossas dúvidas e as nossas certezas sobre o que fazer para melhorar o ensino da língua na escola. Quando eu entrei no mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá, eu tinha certeza de que gostaria de realizar pesquisa voltada a esse tema. Por isso, a presente dissertação tem como objetivo traçar um panorama da língua kheuol karipuna da comunidade Manga e como ela tem sido ensinada aos alunos indígenas em seus primeiros anos de vida escolar na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. Considerando minha experiência docente e o fato de que sou falante da língua, espero que os resultados da pesquisa realizada possam contribuir para melhorar o ensino aprendizagem da língua e, com isso, possa conduzir na melhoria do desempenho dos alunos na escola. A língua Kheuol Karipuna é o instrumento tradicional de transmissão dos conhecimentos para geração atual e futura, por isso, devemos valorizá-la e reconhecê-la como patrimônio cultural e imaterial, atuando no fortalecimento da identidade deste povo.

**Palavras-Chave:** Língua Kheuol. Ensino. Escola.

## ABSTRACT

The present dissertation results from my own professional experience in the area of Educação Escolar Indígena built over the last four decades with my Karipuna people who live in the Manga Community located at the Terra Indígena Uaçá. As a teacher of the first grades of Elementary School at the Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, I have been for the last decades attentive to issues involving teaching of the Kheul Karipuna language at that school. The lack of available material for language teaching, the effort made by teachers to create their own materials, our doubts and our certainties about what to do to improve language teaching at school always caught my professional attention. When I joined the Masters in Letters of the Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET-UNIFAP), I was sure that I would like to carry out research on those issues. Therefore, this dissertation aims to provide an overview of the Kheul Karipuna language teaching in the Manga Community and how it has been carried out to the students in their first years at the Jorge Iaparrá School. Considering my teaching experience and the fact that I speak the language, I hope that the results of the research carried out contribute to improve the teaching and learning processes and, therefore, can lead to an improvement in the performance of students at school in what relates to the language. All of these scenarios must consider the language as the traditional instrument for transmitting knowledge to current and future generations, which is why we must value and recognize it as cultural and intangible heritage, working to strengthen the identity of the Karipuna people.

**Keywords:** Kheul Karipuna language. Teaching. School.

## HÉSUM

Healize dji sa thavai, sa fui dji mo thavai, lãdã edukasiõ la lekol Ēdjē dji boku tã dji thavaike mo pov kahipun, ki ka viv la komunte Mang Late Ēdjē Uaçã. Kumã mo sa methes djiphomiē anē-ielã dji mōthe Fundamental dji Lekol Ēdjē Estadual Jorge Iaparrã, mo te ka gade biē kumã no puve bai sa lekol suje lang Kheuol la no lekol. A kisa ki aple mo atēsiõ, pukisa pa te gãiē material boku pu bai lekol la su sa lang-la, no men methes -ielã no te kafe no phop material, no pa te save si li jix o nõ, ēbe no te ka fe pu mōthe lang-la. Kã mo ãthe la Mestrado ã Let dji Programa dji Pós-Graduação ã Let dji Univehsite Federal dji Amapã, mo te gãiē la mo tet kisa mo te le fe ã mo pesquis la su sa thavai. Pu sa dissertaçãogãiē kumã so objetiv dji thase un ximē dji lang Kheuol kahipun dji komunte Mang, i kumã ie te ka mōthe pu alun-ielã ědjē lekol la ie phomiē anē-ielã dji ie lavi, la Lekol Ēdjē Estadual Jorge Iaparrã. Kõsidehe mo tã dji thavai kom methes i kumã mo save koze lang-la, mo le ki sa thavai-la dji pesquis puve ide pu hete pi bõ, pu mōthe pu alun-ielã suje lang Kheuol la lekol. Lang Kheuol kahipun a un estximã dji thadjisiõ ki no ka pase no konetmãpu no tximun -ielã dji jodla i dji sa ki ka vim. Pu sa, sa lang a no mias i no thadjisiõ, no puezē fe li fos pu kisa li ka apuezãte no idētxite dji no pov.

**Pahol dji lakle:** Lang kheuol. Mōthe. Lekol.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Prédio da primeira escola da aldeia Manga .....	23
Foto 2 - Prédio da segunda escola da aldeia Manga.....	24
Foto 3 - Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá em 2015 .....	25
Foto 4 - Lição História: meu pai com meu irmãozinho foram pegar tracajá no campo .....	68
Foto 5 - Atividade famílias silábicas e conversa informal .....	69
Foto 6 - Atividade língua Kheul e Matemática .....	70
Foto 7 - Atividade separação silábica.....	71
Foto 8 - Atividades de matemática para estudar dúzia .....	72
Foto 9 - Atividade de matemática.....	73
Foto 10 - Livros de histórias.....	74
Foto 11 - Trabalho de aluno .....	75
Foto 12 - Trabalho de aluno em pesquisa de campo .....	76

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Alfabeto da língua Kheul .....	29
Imagem 2 - Proposta curricular e pedagógica para as Escolas Karipuna e Galibi- Marworno	44

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	18
1.1 A LÍNGUA KHEUOL.....	19
1.2 A COMUNIDADE MANGA, SUA ESCOLA, SUA LÍNGUA .....	20
1.3 O PATRONO DA ESCOLA DA COMUNIDADE MANGA .....	26
1.4 HISTÓRIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DA LÍNGUA KHEUOL.....	27
CAPÍTULO II.....	37
2.1 LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA .....	38
2.2 ENSINO DE LÍNGUAS ENTRE POPULAÇÕES INDÍGENAS BRASILEIRAS .....	39
2.3 UM POUCO MAIS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ENTRE OS KARIPUNA .....	40
2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E DOCUMENTOS LEGAIS DA E.I.E.J.I.....	43
2.5 A LÍNGUA KHEUOL NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA E.I.E.J.I.....	47
CAPÍTULO III .....	50
3.1 A LÍNGUA KHEUOL NA COMUNIDADE MANGA: UMA VISÃO GLOBAL.....	50
3.2 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL ENSINADA SEGUNDO OS PROFESSORES .....	53
3.3 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL ENSINADA SEGUNDO OS DADOS DO QUESTIONÁRIO APÓS SUA ANÁLISE .....	63
3.3.1 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	64
3.3.2 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL NO SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	64
3.3.3 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL NO TERCEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	65
3.3.4 O PROFESSOR E A NECESSIDADE DE MD.....	66
3.3.5 UMA MUDANÇA DE PARADIGMAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA KHEUOL NA E.I.E.J.I .....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFERÊNCIAS .....	80
ANEXOS:.....	82

## INTRODUÇÃO

A pesquisa que realizei para essa Dissertação é algo que eu gostaria de fazer há algum tempo como professora atuando na Escola Estadual Indígena Jorge Iaparrá desde o ano de 1993. Para chegar até a minha profissão de professora, percorri um longo caminho. Nasci na Aldeia de Santa Izabel localizada na Terra Indígena Uaçá, onde morei e estudei até meus 10 anos. Aos 11 anos fui morar na Aldeia Manga, onde estudei até a 4ª série primária. Aos quatorze anos fui cursar a 5ª série na cidade de Oiapoque. Em dezembro de 1982, fui para o Estado do Pará para trabalhar como doméstica e estudar. Em Belém, com muita dificuldade, terminei o Ensino Fundamental e Médio, formada no curso de magistério. Após doze anos naquela cidade, voltei em definitivo para minha aldeia Manga, já como professora formada para trabalhar com Ensino Fundamental 1, minha primeira experiência foi na Escola Indígena São Raimundo na BR 156 na aldeia Piquiá.

Em 1992, passei no concurso Público do Estado do Amapá e, em 1993, fui lotada na Escola Municipal Manga para atuar nas séries iniciais. Com os dois anos de experiência da escola anterior, minhas atividades docentes na escola Manga se tornaram mais fáceis. Na escola até havia material didático feito pela FUNAI, mas o método era tradicional, o aluno não estudava sua cultura, tradição e língua, nem tinha o direito de falar na língua indígena. Também havia muito preconceito por parte dos professores não índios, que se achavam mais inteligentes do que os indígenas. Ao perceber tudo isso, busquei através do meu trabalho como professora, valorizar o conhecimento do aluno, valorizar o nosso conhecimento enquanto povo: fazia materiais didáticos em kheuól, contava e escrevia nossas histórias e narrativas, falava da importância do nosso modo de vida. Já naquela época eu acreditava que a escola tem um papel fundamental no fortalecimento de nossa cultura, na transmissão de nossos conhecimentos e é nessa perspectiva que até hoje desenvolvo minha prática como docente.

Em 1996 fui nomeada Diretora da Escola Municipal Manga, cargo que ocupei durante seis anos. É a mesma escola onde exerço minhas funções de professora até hoje. Na época em que fui diretora, escrevi a biografia da Escola, que passou de Escola Municipal Manga para Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá pela Portaria 234/2000 SEED, Decreto de Nº 5402 de 11 de novembro de 1994. Como diretora, era difícil continuar meus estudos e ainda conciliar a família e criação dos meus filhos. Além disso, não havia outro indígena concursado para assumir a direção da escola, mas sabíamos da importância de ter um diretor indígena.

Quando o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) formou a primeira turma de 13 professores indígenas no ano de 1995, foi que, realmente, pensamos e começamos a sistematizar em nossa escola uma educação escolar indígena que respeitasse a diversidade cultural dos povos indígenas do município de Oiapoque. Nesse período, participei da construção do Currículo das Escolas Karipuna e Galibi-Marworno. O CIMI contribui muito na minha formação como educadora indígena. Como educadora eu sempre gostei de escrever sobre minha cultura e procurei ensinar minha língua kheuól, por isso escrevi quatro livros de histórias com atividades para as séries iniciais, que são: Sini (lagarta), Iapo, (japim) Um Txi Puasõ (Um peixinho) e Txicana Vilê (patinho feio). Estes livros até hoje servem como material didático para as escolas indígenas karipuna<sup>1</sup>.

Meu orgulho maior é o trabalho voluntário que faço para minha comunidade junto ao Cacique, que iniciou desde que retornei para minha aldeia. Também já fui Cacique e Vice cacique, atuei como delegada e juíza em questões da comunidade e hoje sou Conselheira. Participei de vários movimentos indígenas, sempre lutando em prol da educação e saúde indígena, além da defesa de nossos interesses e territórios. Há dois anos sou gestora da Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque (OPIMO), já organizei vários eventos a favor da educação escolar indígena, como as oficinas de reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas Indígenas e os Currículos das Escolas Indígenas nos anos de 2017 e 2018.

Em 2009 ingressei no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), que contribuiu muito na minha formação como educadora e como indígena. No CLII refleti sobre a metodologia de trabalho que desenvolvia na Escola e sobre a importância do fortalecimento da minha cultura Karipuna. Durante os anos de graduação, aprendi a pesquisar, a ser dinâmica, a valorizar meus conhecimentos em relação à minha cultura, identidade, costume, tradição e, principalmente, minha língua indígena kheuol. Como efeito, passei a falar da língua kheuol em reunião na escola, comunidade e assembleias dos povos do Oiapoque.

Durante meu curso no CLII participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), cujo objetivo era preparar os professores em formação para atuar nas escolas indígenas. Durante as atividades do PIBID, planejávamos nossas aulas, desenvolvemos materiais, discutimos a necessidade de valorização da nossa língua. Foi um período de muito trabalho, que foi divulgado no ano de 2012 pelo Globo Universidade, um programa rede Globo.

---

<sup>1</sup> Os livros de histórias em kheuol foram feitos para ajudar na leitura da alfabetização, já que o material didático na língua era mais para atividade e coordenação motora.

Depois que conclui o CLII, ingressei no ano de 2015 em uma pós-graduação *latu sensu* em Educação Escolar Indígena com o objetivo de aprofundar ainda mais meus conhecimentos, pois o conhecimento é indispensável para minha prática docente, as experiências que vivenciei ao longo das últimas décadas como professora de uma escola indígena despertaram muitas reflexões sobre o ensino de línguas nessa escola, uma vez que trabalhamos tanto com o ensino da língua kheuól quanto com o da língua portuguesa.

Diante da minha trajetória e membro da Comunidade Manga, sempre quis fazer a pesquisa que apresento nessa Dissertação, que tem o intuito de registrar a história do ensino da Língua Kheuol no cenário da Educação Escolar institucionalizada na Comunidade do Manga e, ainda, fazer apontamentos sobre a natureza do objeto língua Kheuol ensinado na escola. Nesse contexto, a pesquisa despertou o interesse e reflexões sobre o ensino da língua kheuol nas séries iniciais e as inquietações foram aumentando quando a implementação do currículo Karipuna e Galibi-Marworno, que abordarei no capítulo I na relação da língua kheuol versus E.I.E.J.I, onde foi se distanciando das concepções do projeto da escola, elaborado com a participação da comunidade no ano de 1998 na escola. Pautado nestes conhecimentos e nas experiências com a Educação Escolar e Ações da comunidade, pretendo investigar as práticas pedagógicas e o contexto de ensino da língua kheuol na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá.

Considerando que a escola indígena deve ser um espaço de diálogo dos diferentes saberes, de valorização e respeito aos conhecimentos tradicionais da educação indígena, para os efeitos da pesquisa que realizo, partir da seguinte pergunta norteadora: como as práticas de Ensino da Língua Kheuol Karipuna desenvolvidas na Escola Indígena Jorge Iaparrá podem contribuir com a formação de um aluno que valorize e fortaleça seus saberes tradicionais, língua e identidades Karipuna? Por outro lado, é igualmente nossa pergunta de pesquisa: qual língua kheuol tem chegado à escola para fins de ensino? Também esta pergunta tem a mesmo objetivo das perguntas da página 16 dos itens (i, ii, iii), que a partir disso podemos traçar um panorama da língua kheuol na escola e na comunidade.

Com estas perguntas em mente, a pesquisa pretende envolver-se em duas frentes de investigação, sendo a primeira a relação que a escola e suas práticas de ensino têm assumido atualmente e a segunda a “face” da língua que tem sido usada / apresentada aos alunos. Ambas as frentes de investigação terão como base as séries iniciais do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental1, envolvendo cinco professores que ensinam a língua kheuol.

Em linhas gerais, a pesquisa apresenta quatro premissas que são muito importantes para o desenvolvimento da mesma e se envolvem com questões relacionadas ao Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas; ao material didático de apoio aos professores

indígenas; ao currículo Karipuna e Galibi-Marworno; ao material didático das escolas indígenas da região do Uaçá; à história da escola junto aos karipuna do Rio Curipi TI Uaçá; à relação da minha experiência com outros professores que ensinam língua indígena no Estado do Amapá.

A primeira premissa assume o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas RCNEI (1998, p. 118), que considera que “a inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela constituição Brasileira”. Ainda segundo o RCNEI, a linguagem é quase sempre o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa constantemente reavaliada, de uma geração para outra [...]. (RCNEI, 2002, p. 113).

Na mesma direção, o Currículo Karipuna e Galibi-Marworno (CKGM-2006, 2ª. Ed.) considera que é através da língua que um povo expressa seus pensamentos, suas emoções e sentimentos, que também nos permitimos criar narrativas, cantos, rezas e mitos, espaços onde buscamos dar sentidos para a própria existência. Neste contexto que a língua Kheuol Karipuna da aldeia Manga tenta ocupar seu espaço na escola, tendo sido expulsada da vida do povo já na década de 1930, onde falarei no capítulo II em Educação Escolar Indígena e Ensino de Línguas.

A pesquisa considera ainda como premissa que a escola teve por objetivo ao longo de sua história entre os Karipuna integrar a população à sociedade envolvente, o que inicia oficialmente no ano de 1934, quando a população Karipuna sente o primeiro impacto da língua Kheuol com a língua Portuguesa através da proibição da língua Kheuol em sala de aula. Naquela época, segundo nossos avós, quem falasse na escola a língua era castigado severamente. Portanto, a função da escola ao longo desse tempo era ensinar os alunos indígenas a falar, ler e a escrever em português em detrimento da língua Kheuol. Assim a língua Kheuol foi desaparecendo entre os karipuna, é claro que, tendo sido essa situação, o modelo de escola da época, contribuiu muito para o enfraquecimento e, conseqüentemente, para o desprestígio da língua Kheuol entre os karipuna em especial da aldeia Manga.

Da mesma forma, a pesquisa considera que, se o modelo de escola da época foi o responsável pelo processo de enfraquecimento da língua Kheuol, os modelos atuais pautados na Constituição Federal de 1988 podem, por outro lado, ser mais um elemento que incentive e favoreça a sua manutenção e a revitalização da língua Kheuol. Acreditamos, em conformidade com Grupioni (2001, p. 41), que é dever do estado ofertar uma educação escolar bilíngue e intercultural, com o propósito de fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada povo indígena, e proporcionar a oportunidade de recuperar suas memórias históricas e

reafirmação de suas identidades.

Outra premissa da pesquisa aqui apresentada relaciona-se a minhas experiências com outros professores que ensinam línguas indígenas no Estado do Amapá, o que me permite considerar que o ensino é dever do Estado, respaldado pelo conjunto de legislações vigentes acerca da Educação Escolar Indígena, mesmo assim o Estado não está preparado para assumir o ensino que valorize as línguas indígenas nas escolas indígenas, porque, infelizmente, o Estado ainda tem uma visão de escola monolíngue, mesmo para o caso das escolas indígenas. O Estado age como se todos os povos indígenas do Amapá fossem iguais em cultura, tradição e língua, o que é observável, por exemplo, nos projetos sociais que são realizados nas comunidades que são feitos todos iguais, sem pensar nas realidades e especificidades, nas diferenças de cada povo indígena. Os materiais didáticos disponibilizados às escolas indígenas, por exemplo, são todos ofertados em Língua Portuguesa, em Espanhol e Inglês.

As premissas mencionadas acima, observadas a partir de minha experiência docente ao longo das últimas décadas, reforçam a ideia que tenho como professora de que o ensino da língua materna Kheul no contexto do currículo da educação escolar indígena passa a ser um campo de conhecimento que pode e deve valorizar a cultura e identidade do povo karipuna. O ensino desta língua, segundo o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP, 2015, p. 34), deve considerar que “o método de ensino da disciplina Língua Materna ou Língua indígena é baseada na realidade do educando tendo como referência o processo interdisciplinar que existe entre as diversas áreas do campo do conhecimento”. Ainda conforme o PPP da escola, percebemos que a língua kheul tem função de disciplina. Como disciplina na escola, tem o dever de fazer com que os indígenas da etnia Karipuna não percam o conhecimento da língua Kheul, que está missão é fazer com que todos os indígenas karipuna sejam falantes atuantes da língua Kheul e que, futuramente, todos sejam de fato considerados bilíngues.

Será que a escola que no início década de 1930 proibiu a língua kheul na escola, hoje consegue inverter essa história? Essa pergunta, diante de meu histórico, da realidade da língua e de seu ensino na escola, do papel e das ações governamentais, dos documentos oficiais, da própria comunidade, conduz a minha pesquisa apresentada nesta Dissertação a três perguntas específicas, quais sejam:

O ensino da língua kheul na escola como disciplina tem servido para valorizar e fortalecer a própria língua na comunidade?

Como tem se dado metodologicamente o ensino da língua?

Que língua tem sido ensinada aos alunos em seus primeiros anos de vida escolar, mais precisamente, da Alfabetização até as séries iniciais do Ensino Fundamental?

A pergunta (i) será tratada no primeiro capítulo da dissertação, onde poderemos verificar que a língua Kheul Karipuna ainda não está no mesmo patamar da língua portuguesa. Considerada como uma disciplina como outra qualquer, ou seja, apenas para o aluno obter uma nota não para falar no seu contexto social. A pergunta (ii), que objetiva especificamente a metodologia da língua kheul, trata de resultados que demonstram que a metodologia de ensino da língua partiu de metodologias usadas para o ensino da língua portuguesa, nas séries iniciais todos os alunos são alfabetizados na língua portuguesa, sejam falantes ou não falantes da língua kheul. Quanto à pergunta (iii), as respostas são dadas no Capítulo III e demonstram que a primeira língua ensinada aos alunos em seus primeiros anos de vida escolar é a língua portuguesa para todos, falantes e não falantes da língua portuguesa.

A pesquisa foi realizada observando-se a trajetória seguinte: em primeiro lugar, conforme já mencionei, defini a partir de minha experiência docente ao longo das últimas décadas o tema da minha pesquisa. Assim o fiz com o objetivo de contribuir com o fortalecimento do ensino da língua materna de meu povo Karipuna. Depois que eu defini meu tema de pesquisa, fiz meu pré-projeto e defendi os meus objetivos de pesquisa, li leituras bibliográficas e artigos científicos sobre línguas indígenas, fui para Belém/Pará convidada pela Universidade UFPA para falar sobre línguas indígenas, na minha folga fui até o CIMI pesquisar sobre a língua kheul, trouxe todos os materiais didáticos escritos na língua kheul feito pelo CIMI junto com os monitores indígenas Karipuna e Galibi- Marworno, formulei as dez perguntas do questionário de acordo com apoio do RCNEI e Currículo Karipuna e Galibi-Marworno. As perguntas do questionário (ANEXO 1) buscavam saber sobre o ensino da língua kheul na E.I.E.J.I., e como os professores indígenas veem a língua kheul nas séries iniciais e quais dificuldades encontradas em sala de aula ao ensinar a língua.

Para fortalecer ainda mais minha pesquisa, no primeiro bimestre de 2020, participei da semana pedagógica observando os planos de aulas docentes e da primeira reunião da escola e comunidade, onde pedi permissão para desenvolver minha pesquisa, expliquei, qual era meu objetivo e a finalidade da pesquisa. Na mesma semana fui chamada pelo Diretor e pedagogo para dar apoio nas turmas das séries iniciais. Na semana pedagógica falei com todos os professores da escola sobre minha pesquisa, que precisaria do apoio deles em relação ao plano de curso, plano de aula e a participação em sala de aula. Na prática, participei somente de duas aulas da língua kheul no Ensino Infantil, porque estava em sala de aula trabalhando com duas turmas do 4º ano por falta de professor que estava no curso da Licenciatura Indígena. Com a pandemia de coronavírus a escola parou. No mês de maio construí o questionário com treze perguntas na qual dez foram selecionadas, no mês de agosto fui até a casa dos professores do

Ensino Infantil, que são dois professores, das séries do primeiro período e do segundo período e Ensino Fundamental 1, cinco professores, das séries do 1º ao 5º ano para entregar os questionários, explicando cada pergunta e a importância para a pesquisa. Após quinze dias voltei nas casas dos professores e ainda não tinham respondido, depois de um mês entregaram, mas nem todos. Entregou um da educação infantil e quatro do Ensino Fundamental 1. No mês de setembro de 2020 fiz as análises. Também busquei estudos e apoio teórico capazes de melhorar minha formação e conhecimentos sobre a língua kheuol para trabalhar com mais segurança e ajudar meu povo Karipuna.

Como resultado das ações descritas acima, a presente Dissertação está organizada da seguinte maneira: No I capítulo tratamos do início da relação da Língua Kheuol versus Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, que se trata desde a fundação da comunidade Manga em 1973 e como a Educação Escolar chegou a esta comunidade e como a língua kheuol durante todos estes anos tem se desenvolvido diante da língua portuguesa. Também falaremos dos materiais didáticos na língua kheuol produzidos pelo CIMI e professores indígenas, assim como o Currículo Karipuna Galibi-Marworno, produzido de acordo com a realidade das comunidades indígenas da Terra Indígena Uaçá e como a língua kheuol está inserida no Projeto Político Pedagógico da E.I.E.J.I.

No capítulo II apresentamos um panorama karipuna, Educação Escolar Indígena e Ensino de Línguas, abordaremos a educação escolar indígena e suas Leis que amparam legalmente o ensino das línguas entre os povos do Brasil. Quais documentos legais amparam a E.I.E.J.I. por uma educação escolar específica, intercultural, bilíngue e diferenciada, como o Projeto Político Pedagógico da E.I.E.J.I. rege em relação a língua kheuol. Também apresentamos saberes teóricos de autores indígenas e não-indígenas e exemplos de como tem se dado o ensino das línguas indígenas entre as populações indígenas brasileiras e principalmente entre os karipuna da comunidade Manga.

No capítulo III discutimos o Ensino de Língua Kheuol na perspectiva dos professores da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, que se trata da análise das respostas dos questionários e sua perspectiva em relação a língua kheuol como fortalecimento e identidade do povo. A língua kheuol na visão dos professores indígenas da comunidade Manga, quais as naturezas em relação a língua kheuol ensinada segundo os professores indígenas, dados dos questionários após análise, a língua kheuol no I, II, III, ciclo do Ensino Fundamental 1, e a mudança de paradigmas para o ensino da língua kheuol E.I.E.J.I. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, seguidas pelas referências e anexos.

No geral, portanto, o primeiro capítulo trata do início da relação língua kheuol versus

Escola Indígena Jorge Iaparrá. Este capítulo está dividido nas seguintes seções: 1.1- A língua kheuol; 1.2- A comunidade Manga, sua escola, sua língua; 1.3- História dos materiais didáticos da língua kheuol. No segundo capítulo, intitulado Um panorama karipuna, Educação Escolar Indígena e Ensino de línguas, temos as seções: 2.1- Legislação da educação Escolar indígena; 2.2- Ensino de línguas entre populações indígenas brasileiras; 2.3- Um pouco mais de educação indígena entre os karipuna; 2.4- Educação Escolar Indígena e documentação legais da E.I.E.J.I. O capítulo terceiro: Ensino de língua kheuol, na perspectiva dos professores da E.I.E.J.I: 3.1- A língua kheuol na visão dos professores indígenas da comunidade Manga; 3.2- A natureza da língua kheuol ensinada segundo os professores; 3.3- A natureza da língua kheuol ensinada segundo os dados do questionário após análise; 3.3.1- A natureza da língua kheuol no primeiro no primeiro ciclo do Ensino Fundamental; 3.3.2- A natureza da língua kheuol no segundo ciclo do Ensino Fundamental; 3.3.3- A natureza da língua kheuol no terceiro ciclo do Ensino Fundamental; 3.3.4- O professor e a necessidade de MD; 3.3.5- Uma mudança de paradigma para o ensino da língua kheuol na E.I.E.J.I. Finalmente, apresentamos as Considerações Finais e as Referências, seguidas pelos anexos.

Acreditamos que a presente pesquisa irá contribuir para o fortalecimento e valorização da língua kheuol na comunidade manga e E.I.J.I para as futuras gerações, para preservá-la como patrimônio cultural e identidade do povo. Além do mais a língua está presente em todos os aspectos culturais do povo karipuna, principalmente na cosmologia que é o elo de ligação do povo com os seres sobre naturais. Também irá contribuir para pesquisa no PPGLT, para outras pesquisas científicas sobre línguas indígenas. Irá contribuir para pensarmos que perspectiva os aspectos das línguas indígenas têm sido levados as escolas. Espero que esta pesquisa contribua com um melhor entendimento do que tem sido feito em termos de Educação Escolar Indígena na Amazônia brasileira.

## CAPÍTULO I

### **O INÍCIO DA RELAÇÃO LÍNGUA KHEUOL E SUA CONFIGURAÇÃO NA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARRÁ**

Desde a fundação da comunidade Manga em 1973, também estava presente a escola, sempre com o pensamento civilizador e a imposição da Língua Portuguesa. Naquela época, a língua Kheuol não tinha espaço na escola, hoje na escola a língua kheuol é trabalhada como disciplina chamada Língua Indígena. Ainda hoje, os materiais didáticos na língua kheuol são poucos e muitos antigos, temos um currículo produzido pelos professores Karipuna e Galibi-Marworno e o mais recente o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. Todos destacam a língua Kheuol como relacionada ao fortalecimento da cultura e identidade do povo Karipuna. Neste cenário em mente, o presente Capítulo mostrará que a língua kheuol cada vez mais vai perdendo seu prestígio para a língua portuguesa, observa-se que a língua kheuol não está no mesmo nível na escola que a língua portuguesa, é considerada como uma disciplina. Neste sentido, será que a língua é ensinada para os alunos só para obter uma nota e passar de ano e não para falar no seu dia a dia. Por este motivo que a minha pesquisa fará uma reflexão sobre esta problemática e tentará ajudar a escola e a comunidade para que junto possamos pensar em uma solução.

É de fundamental importância lembrar que na escola, desde da década de 1930, o ensino e a metodologia eram voltados para a língua portuguesa, a imposição parece permanecer até os dias atuais. Na alfabetização e séries iniciais até na década de 1980 era ensinada somente essa língua, não se importava com os alunos falante da língua kheuol, todos eram tratados iguais, tinham que aprender somente em uma língua, ou seja, a língua portuguesa. Na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, somente a partir da provação do CKGM (Currículo Karipuna Galibi-Marworno) em 2006, que a língua kheuol apareceu como uma disciplina para fortalecer a língua como identidade do povo Karipuna. No entanto, como podemos pensar em fortalecimento se os alunos falantes e os não falantes da língua kheuol são alfabetizados na língua portuguesa, e a língua kheuol é apenas ensinada como uma disciplina com a carga horária de duas aulas semanais, também nas séries iniciais. Esta relação da língua kheuol com a escola tem sofrido impactos linguísticos e refletido nos aprendizados dos alunos e dos mais jovens da comunidade.

## 1.1 A LÍNGUA KHEUOL

A língua kheuol é a língua falada entre os karipuna da comunidade Manga e antes era chamada patoá, que atravessou décadas com este nome. Para Aniká e Santos em seu TTC, a língua falada por parte do grupo dos índios karipuna do rio curipi vindo refugiados cabanos do Estado do Pará no século XX, era o Nheengatu, língua geral desenvolvida pelas missões jesuítas na Amazônia, mais a grande maioria usava o português para se comunicar. Entretanto, estas duas línguas foram substituídas, num período de três gerações, por uma língua que adotaram como língua materna denominada “patoá”, de origem francesa”. (ANIKA; SANTOS, 2015, p. 04). Pautado no pensamentos das autoras e de alguns relatos dos mais velhos da comunidade, a língua patoá, agora denominada kheuol, surgiu dos contatos dos indígenas com os crioulos da Guiana Francesa, que os mesmos vinham para as terras indígenas em busca de garimpar minério como o ouro, com isso a substituição da língua geral pela língua kheuol; o casamento entre indígenas e crioulos; a necessidade de adquirir outros alimentos industrializados na cidade de São George município da Guiana Francesa, era importante aprender essa língua kheuol para acesso e contato com a Guiana Francesa.

Segundo Campetela et. Al, em seu artigo sobre valorização e revitalização de línguas indígenas diz: “ Kheuol” a única língua crioula falada por indígenas em território brasileiro”, (CAMPETELA, SANTOS, SILVA, SILVA, 2017, p. 10). A partir deste contexto podemos falar que os povos falantes da língua kheuol que são os povos Karipuna e Galibi-Marworno da Terra Indígena Uaçá do Município de Oiapoque, Norte do Estado do Amapá, que têm a língua kheuol como língua materna. Para esses povos, a língua kheuol é patrimônio imaterial cultural que valoriza os costume, a crença e a história do povo. A língua kheuol identifica cada povo da Terra Uaçá na sua particularidade e também na diversidade cultural, é através dela que se comunicam entre si e com os seres sobre naturais.

Os karipuna da região do Uaçá, Terra indígena Uaçá, estão divididos em vinte e uma comunidades distribuídas ao longo do rio Curipi. As que têm a língua kheuol como língua materna são: Espírito Santo, Jõdef, Kubahi, Tãminã, Benua, Paixubal, Zacarias, Bastxiõ, Mõbe, outras comunidades são os mais velhos que falam a língua kheuol igualmente a comunidade Manga, os jovens e as crianças entendem mais não falam em seu cotidiano.

No rio Oiapoque e na Terra Indígena Juminã tem três comunidades que são Kunanã, Ariramba e Uahá. Destas comunidades, somente a comunidade Uahá tem a língua kheuol como língua materna, também é uma comunidade mista, Karipuna e Galibi-Marworno.

A população karipuna no geral é de 2.350 habitantes, como pudemos observar, apenas

dez comunidades são falantes da língua kheuol, cinco são comunidades pequenas e a maior é a comunidade do Espírito Santo. Segundo o censo do Polo de saúde Manga, a comunidade do Espírito Santo tem a população de 480 habitantes e 120 famílias. A comunidade do Benuá tem a população de 59 habitantes e 13 famílias; Paixubal tem a população de 22 habitantes e 5 famílias; Bastxiõ tem a população de 11 habitantes e 2 famílias; Mõbe tem a população de 12 habitantes e 4 famílias; Zacarias tem a população de 16 habitantes e 5 famílias; Mõbaka tem a população de 6 habitantes e uma família; Jõdef tem a população de 73 habitantes e 9 famílias; Taminã tem a população de 91 habitantes e 17 famílias e Uahá que tem a população de 98 habitantes e 22 famílias. Todas essas comunidades tem a língua kheuol como materna, mais a língua portuguesa também é bem visível no meio do kheuol.

Quanto a comunidade Manga que tem uma população de 1.100 habitantes, onde apenas os mais velhos e algumas famílias falantes da língua kheuol, que mantêm viva a língua na comunidade. Segundo o censo do polo de saúde Manga, a população de idosos são 49 que falam a língua kheuol, mas também existem ambientes onde a língua kheuol é falada entre homens, mulheres e participação de jovens e crianças, que são os mutirões de roças, movimento como na apresentação da dança do Turé e nas reuniões da comunidade. Porém, no ambiente escolar da E.I.E.J.I não se ouvem diálogos em língua kheuol de professor com aluno, e de aluno com aluno, somente em sala de aula de kheuol. Apenas na semana cultural os alunos do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio nas apresentações de teatro e exposições de trabalhos na língua.

Os dois povos que falam a língua kheuol são Karipuna e Galibi-Marworno. Por outro lado, todos do povo Galibi-Marworno tem a língua kheuol como materna, mais existe uma diferença na fala dos Galibi-Marworno para os Karipuna como por exemplo na palavra kõha falada pelos Galibi-Marworno e kõsa falada pelos Karipuna (em PB assim).

## **1.2 A COMUNIDADE MANGA, SUA ESCOLA, SUA LÍNGUA**

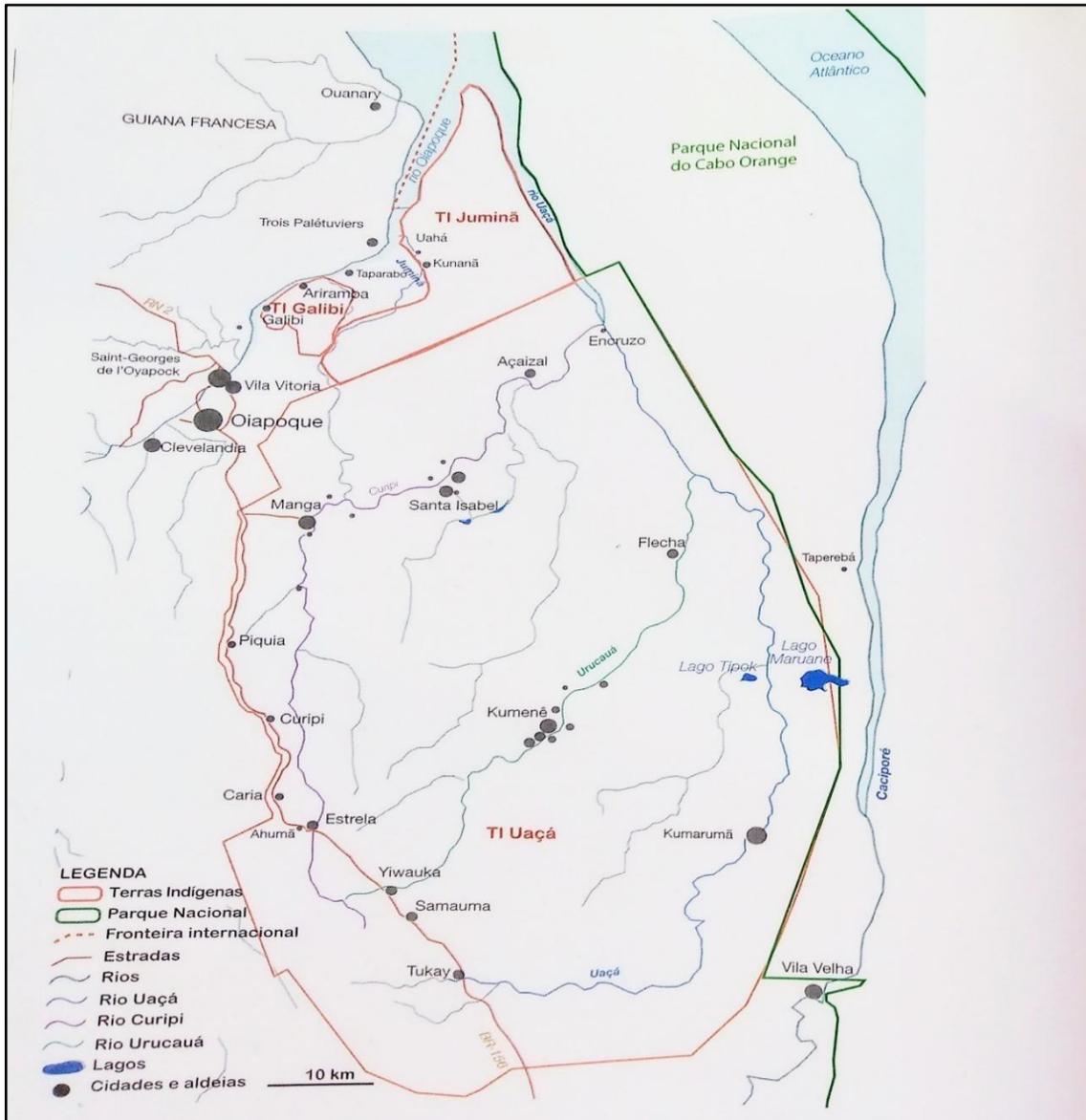
A comunidade Manga foi fundada no ano de 1973 pela família do senhor Florêncio dos Santos, que morava na aldeia de Santa Izabel. Naquela época, com aumento da população, a escassez de alimentos e as roças cada vez mais distantes, as famílias subiam o rio à procura de terras férteis para o plantio da mandioca e seus derivados. Quando o senhor Florêncio e sua família fixaram moradia na atual aldeia Manga, já existia o ramal manga, cujo nome se deu em virtude de três árvores grandes de mangueiras bem no porto, por isso o nome da aldeia Manga.

A comunidade Manga está localizada a margem esquerda do Rio Curipi há 6 km da BR156 e há 18 km da cidade de Oiapoque. Insere-se geograficamente na Terra Indígena Uaçá

(TI Uaçá, MAPA 1) homologada no ano de 1992. Na TI Uaçá moram os quatro povos indígenas: Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi-Kalinã e Palikur, é uma região de savanas e várzeas e uma grande floresta onde encontram-se rios, lagos e igarapés. Demarcada com 460 mil hectares das três áreas indígenas, os quatro povos que nela vivem são povos com suas línguas e culturas diferentes cada um com suas especificidades, somente os povos karipuna e Gali-Marworno que falam a língua kheuol, devido a confluência da região está localizada na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

Conforme o censo do Posto de Saúde realizado em 2018 (SESAI), a comunidade Manga atualmente tem população de 1100 Habitantes, é a maior comunidade do povo Karipuna, é falante das línguas kheuol e português. Após sua fundação em 1973 veio a escola em 1976. O primeiro professor era um não indígena mandado pelo Antigo Território Federal do Amapá para trabalhar somente com a língua portuguesa. Como já foi relatado, a língua kheuol foi esquecida pela escola por muitos anos, os governantes na época tomaram séries de medidas para abasileirar a fronteira Brasil/Guiana Francesa e juntos os povos de fronteiras, assim a escola se instalou e ficou até os dias atuais.

**Mapa 01: Terras indígenas Uaçá, Galibi e Juminã do Oiapoque-AP**



**Fonte:** Santos, C. C. A dos. Fonte: Livro Peixes e pesca: Conhecimentos e Práticas entre os povos Indígenas do Baixo Oiapoque/ Amapá. P.34. 2019.

No que se refere à escola da comunidade Manga, denominada Jorge Iaparrá, conforme já mencionamos, sua história inicia oficialmente no ano de 1976, três anos após a fundação da aldeia. Naquele ano, estando recém-organizada a Comunidade Indígena Manga, chegou a esta comunidade, enviado pela SEED/AP, que na época era Território Federal do Amapá, o professor Medina Santana. Ao chegar, ainda não havia sido construída a escola, então o Cacique Henrique solicitou ao seu Antônio dos Santos que cedesse sua casa construída no ano anterior para ali funcionar a primeira escola da Comunidade Indígena Manga.

Um ano depois, em 1977, foi construído o prédio da Escola Manga pela comunidade em sistema de mutirão, com apoio da prefeitura de Oiapoque (Foto 1). Essa escola ficava próxima

à beira do rio Curipi, tornando-se oficialmente a Escola Manga. A escola oferecia séries multiseriadas, pela manhã estudava 1ª e 2ª séries pela tarde 3ª e 4ª séries. Como tinha poucas famílias na comunidade, os alunos eram menos de 20 alunos, apenas o professor Medina trabalhava na escola. Por isso que, só podia falar em português, todas as aulas eram em português, os alunos que falassem em língua Kheuol eram castigados, porque se falassem em kheuol na sala de aula era uma ofensa ao professor, essas atitudes a língua kheuol quase desapareceu na comunidade.

**Foto 1 - Prédio da primeira escola da aldeia Manga**



**Fonte:** Acervo pessoal Elizeu Santana, 2009.

Esta escola Municipal continuou com as séries da alfabetização a antiga pré-escola, até nos anos 2000. Com a deterioração da estrutura física da escola e demanda de alunos a Prefeitura Municipal de Oiapoque construiu outra escola no ano de 1988 também em madeira (Foto 2), onde a comunidade decidiu por homenagear Jorge Iaparrá, com a nomenclatura “Escola Municipal de 1º grau Jorge Iaparrá”, essa homenagem foi decidida pela comunidade devido sua morte na abertura do ramal Manga que liga a comunidade a cidade de Oiapoque.

**Foto 2 - Prédio da segunda escola da aldeia Manga**



**Fonte:** Acervo pessoal Elizeu Santana, 2009.

Na década de 1980, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), ao visitar as aldeias e conversando com as famílias que só falavam a língua kheuol, observou-se que os pais dessas crianças não deixavam ir para a escola, tinham dificuldade no aprendizado, por que as aulas eram somente em português. Assim surgiu o lekól kheuol para atender as crianças falantes desta língua, os monitores Zildo Eneias e Cipriano dos Santos foram capacitados para trabalhar com essas crianças, participaram também na construção dos primeiros materiais didáticos, organizado pela irmã Rebeca na aldeia do Espírito Santo. A comunidade entendeu que a língua kheuol fazia parte do cotidiano da aldeia, que era a língua deixada pelos seus ancestrais, que fazia parte de sua cultura e identidade, assim como a escola era importante para as crianças, a língua kheuol era importante para os mais velhos. Toda essa trajetória da língua kheuol pela escola hoje se encontra como uma disciplina de língua materna na escola atual E.I.E. Jorge Iaparrá. Em 2002, com o aumento do quantitativo de estudantes, o Governo do Estado edificou a escola em alvenaria, conforme Foto 3 a seguir, e a antiga escola de madeira continua até hoje como anexo da escola de alvenaria.

**Foto 3 - Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá em 2015**



**Fonte:** Acervo pessoal Elizeu Santana

A Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, local onde fiz minha pesquisa, foi criada pela Portaria 234/2000 SEED e autorizada pelo Decreto: nº 5402, de 11 de novembro de 1994, atende a alunos indígenas da etnia karipuna, mas aberta ao atendimento a alunos de outras etnias, tais como Galibi-Marworno que falam a língua kheuol e Palikur, alunos falantes da língua Palikur. Porém, todos são ensinados na escola em língua portuguesa. A escola atende as modalidades de ensino do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Médio. A Educação Infantil e Fundamental funciona em regime regular, o Ensino Médio é atendido pelo SOMEI (Ensino Modular Indígena), que a partir deste ano de 2020 passou a ser ofertado em regime regular. Todas as turmas da E.I.E.J.I são atendidas por professores indígenas graduados pela Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional do Oiapoque.

Na escola atuam 1 diretor, 1 secretário escolar, nomeados pelo Governo do Estado do Amapá através de Decreto Governamental, 1 pedagogo, 21 professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio de 1º ao 5º e do 6º e 9º ano, 1º ano do Ensino Médio, 1 merendeira, 3 auxiliares de serviços gerais. Em sua estrutura física a escola dispõe de: 1 sala para administração, 4 salas de aula em alvenaria com a mesma dimensão, 1 cozinha de 10m<sup>2</sup> em alvenaria, 1 banheiro com 2 boxes para atendimento feminino, 1 banheiro com 2 boxes para atendimento masculino, 1 banheiro com 1 box sanitário e 1 box para banho para atendimento dos funcionários, 1 depósito de merenda, 1 sala de biblioteca, alojamento em alvenaria com 2

quartos e banheiro (com box sanitário e box para banho) e área de circulação e recreio, uma das salas de aula funciona como Laboratório de Informática contendo 10 computadores com tecnologia obsoleta e em quantidade insuficiente para o quantitativo de alunos, este laboratório também possui acesso à internet instalada através do programa padrão do MEC GESAC, sendo necessário a manutenção dos equipamentos para o melhor funcionamento deste laboratório. Anexo à escola existe alojamento em madeira com área útil de 60m<sup>2</sup> que tem funcionado de forma precária e 4 salas de aula em madeira de 20m<sup>2</sup> cada.

Essa quantidade de profissionais, bem como a estrutura física da escola, tem se mostrado insuficientes para a quantidade de alunos que hoje são 421 alunos matriculados.

Atualmente, a E.I.E.J.I, segundo o PPP, entende como seu papel social

[...]o firme propósito de formar cidadãos e cidadãs, para atuarem na sociedade de forma justa, seja em uma sociedade indígena e não indígena e assim o cidadão e cidadã possam agir com ética diante dos problemas; formar um cidadão indígena para que o mesmo possa entender de sua política e assim reivindicar seus direitos”. (PPP, 2015, p. 12)

Nesse contexto está a compreensão da necessidade de formar cidadãos capazes de espelhar na sociedade envolvente comportamentos voltados ao respeito à diferença do outro, independentemente de raça e cor. Entendendo que a escola diferenciada tem princípios que a norteia, as leis dizem que a educação indígena deve ser voltada para a realidade do povo, com pedagogia e metodologia próprias. Baseado nesta escola diferenciada que é reconhecida no PPP (2015, p. 17), a E.I.E.J.I assume como sua função o desenvolvimento no ensino aprendizagem do Ensino Infantil e Fundamental nas diversas áreas de conhecimento utilizando-se das línguas kheuol e português.

### **1.3 O PATRONO DA ESCOLA DA COMUNIDADE MANGA**

Como dissemos na seção anterior, no ano de 1988 a comunidade Manga decidiu homenagear com o nome da escola o senhor Jorge Iaparrá. Jorge Iaparrá nasceu no dia 14 de setembro de 1940 na Comunidade Indígena de Kumenê, etnia Palikur (Arawák), que se localiza no rio Urucauá, TI Uaçá. Filho de Xebe Yaparrá e Taimaika Iaparrá, neste período houve na comunidade de Kumenê um surto epidemiológico de sarampo, Taimaika (por razões desconhecidas já havia falecido) e Xebe (pai de Jorge Iaparrá), acometidos pela epidemia vieram até ao SPI (Serviço de Proteção ao Índio, atualmente FUNAI) acompanhados de seu filho Jorge, que estava com aproximadamente 6 anos. Neste período, o posto do SPI ficava localizado onde está atualmente a Comunidade Indígena Encruzo. Devido ao avanço da doença,

seu Xebe veio a falecer, deixando órfão o filho que acompanhava, ficando o mesmo ali na comunidade do Encruzo.

Manoel Primo dos Santos, mais conhecido como Seu Coco, em uma de suas viagens – fazia viagens comerciais da Comunidade Indígena de Santa Izabel até a sede do Município de Oiapoque e Guiana Francesa, o percurso desenvolvido na viagem era pela rota do Oceano Atlântico – viu Jorge Iaparrá órfão no Posto do SPI, levou-o para morar junto de sua família em na aldeia Santa Izabel, etnia Karipuna, ficando sob seus cuidados e de sua esposa Delfina Batista dos Santos. Durante os anos de convivência com a nova família Jorge Iaparrá estudou até a 2ª série com a professora Verônica Leal, também trabalhava junto com seu pai (senhor Manoel Primo) em viagens comerciais, na roça e também como mecânico de motor de “popa”.

Aos 20 anos, Jorge Iaparrá casou-se com a senhorita Cesaria Monteiro dos Santos, tendo com Cesaria 4 filhos: Joel dos Santos Iaparrá, Jair dos Santos Iaparrá, Zilma dos Santos Iaparrá e Izamar dos Santos Iaparrá.

Em 1968, durante a construção da BR 156 as proximidades do Município de Oiapoque, a pedido do Prefeito Tenente Pimenta (como era conhecido) junto à comunidade de Comunidade Indígena Santa Izabel, solicitou ao Cacique Coco para convidar alguns indígenas para trabalhar na abertura do ramal. Pois facilitaria o acesso dos índios à sede do Município de Oiapoque, já que o trajeto feito via marítima demandava mais tempo e aumentava o custo. Jorge Iaparrá empenhado na construção do novo acesso trabalhava no desmatamento e limpeza do local, acidentalmente, durante uma derrubada a árvore caiu sobre seu corpo, seus colegas o levaram até a Aldeia de Santa Izabel, devido a gravidade do acidente o mesmo faleceu no dia 23 de junho de 1968. Hoje se encontra enterrado no cemitério dos índios próximo a comunidade onde faleceu. Mais tarde, no ano de 1973, o pai da esposa de Jorge Iaparrá, Florêncio Primo dos Santos, fundou a Aldeia do Ramal Manga às margens do Rio Kuripi. A Aldeia fundada recebeu o mesmo nome do ramal - Manga -, posteriormente recebendo a escola desta comunidade o nome Jorge Iaparrá (em homenagem póstuma).

#### **1.4 HISTÓRIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DA LÍNGUA KHEUOL**

Os propósitos da E.I.E.J.I mencionada são possíveis somente com a existência de Materiais Didáticos (MD) específicos sobre a língua kheuol. Nesta seção, discutimos os caminhos percorridos pela E.I.E.J.I a fim de produzir MD específico para o ensino da língua kheuol. Nosso objetivo é apresentar uma resenha acerca das informações relacionadas à língua nos mesmos materiais. Antes das resenhas, contudo, convém observar que esses MD sobre a

língua kheuol, ainda hoje utilizados na escola são os que foram produzidos pelo CIMI na década de 1980.

A história dos MD sobre a língua kheuol nos leva à década de 1980, quando, na assembleia dos caciques realizada na aldeia Espírito Santo, o cacique karipuna senhor Tangarra, com 80 anos naquela época, levantou-se e disse para os ouvintes em sua língua materna kheuol: “*No pa puve le se no lang djispahet pukisa a li ki ka no apuesãte*”. (“não podemos deixar que a nossa língua desapareça, porque ela é a nossa identidade cultural”). A partir dessa reflexão do cacique, os karipuna resolveram lutar para não perder a sua língua, tomando diferentes ações para fortalecer a língua kheuol. Ainda em setembro de 1980, a irmã Rebeca do CIMI, a convite dos indígenas da aldeia do Espírito Santo, passou a morar na aldeia, para aprender a língua kheuol. Desde então, uma série de ações foi tomada no sentido de produzir materiais didáticos para o ensino da língua.

No primeiro curso sobre os materiais didáticos e formação de monitores indígenas na língua kheuol, foi construído primeiro a gramática depois as cartilhas, também os participantes sugeriram a modificação de dois símbolos do alfabeto experimental da língua Kheuol (w e y para u e i). Neste mesmo encontro, construíram a primeira cartilha para a alfabetização de crianças e adultos, No Lang (“nossa língua”). Também tiveram apoio do linguista Fredy Tobler nos acertos da gramática. A pedagogia utilizada nesta cartilha é o construtivismo, a partir do conhecimento do aluno, para chegar a família silábica usa palavras do convívio social, como por exemplo “PI” “poço”, assim formando sílabas e palavras. No ano de 1981, o CIMI organização da irmã Rebeca organizou em mutirão, um grupo de indígenas na comunidade do Espírito Santo e Kumarumã já alfabetizados em português para aprender a escrita em kheuol, ensinado pelos indígenas monitores que participaram do primeiro curso de material didático sobre a língua kheuol, já trabalhando assim a língua kheuol nestas comunidades, com as cartilhas que aqui apresentarei.

A Gramática Pedagógica Experimental da Língua Kheuol, como já foi mencionado, é o primeiro material didático construído em mutirão pelos povos Karipuna e Galibi- Marworno, que partiu de um curso básico de linguística ofertado pelo CIMI e ministrado pela linguista Ruth M.F. Monserrat que durante o curso os indígenas já alfabetizados em português sugeriram a modificação de dois símbolos do alfabeto experimental ( w e y para u e i), que está exposto no alfabeto kheuol. Com o alfabeto formado, os indígenas começaram a aprender as palavras, ou seja, a ortografia e como as palavras são escritas na língua kheuol, o uso dos sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, também processos fonológicos e função sintática da língua.

### IMAGEM 01: ALFABETO DA LÍNGUA KHEUOL

Alfabeto Kheuól	SOM	Exemplo em português	Exemplo em Kheuól	TRADUÇÃO
<b>Consoantes</b>				
b	b	<u>b</u> ola	<u>b</u> akóv	banana
d	d	<u>d</u> ata	<u>d</u> uhi	arroz
f	f	<u>f</u> aca	<u>f</u> omi	formiga
g	g	<u>g</u> ato	<u>g</u> u	sabor
h	h	<u>h</u> ato	<u>h</u> óx	pedra
j	ž	<u>j</u> unto	<u>j</u> am	perna
k	k	<u>c</u> asa, <u>q</u> uem	<u>k</u> anū	canoa
l	l	<u>l</u> iso	<u>l</u> apo	pele, casco
m	m	<u>m</u> ata	<u>m</u> axe	andar
p	p	<u>p</u> ara	<u>p</u> agai	remo
r	r	<u>c</u> era	<u>t</u> ure	dança cerimonia
s	s	<u>s</u> aia	<u>s</u> olei	sol
t	t	<u>t</u> empo	<u>t</u> auahu	tracaja
v	v	<u>v</u> enda	<u>v</u> ihe	virar
x	š	<u>r</u> ixa, <u>ch</u> á	<u>x</u> at	gato
z	z	<u>z</u> ero, <u>c</u> asa	<u>z</u> él	asa
dj	dž	<u>N</u> adia	<u>s</u> odje	panela
ng	ŋ	<u>m</u> anga	<u>z</u> eng	zinco
tx	č	<u>t</u> chau	<u>t</u> xig	onça
<b>Vogais</b>				
a	a	<u>p</u> apai	<u>a</u> ha	arara
ã	ã	<u>m</u> açã	<u>v</u> ã	vento
e	e	<u>p</u> era	<u>s</u> ekle	capinar
é	é	<u>m</u> el	<u>b</u> ét	bicho
ẽ	ẽ / ã	<u>b</u> enta	<u>t</u> xõbe	pegar
i	i	<u>r</u> io	<u>b</u> atxi	roça
o	o	<u>b</u> oa	<u>z</u> ohé	orelha
ó	o	<u>b</u> ola	<u>t</u> xó	coração
õ	õ / õ	<u>b</u> om	<u>p</u> uasõ	peixe
u	u	<u>t</u> udo	<u>s</u> uk	açúcar
<b>Semi-vogais</b>				
u	w	<u>q</u> uase, <u>p</u> au	<u>t</u> auahu	tracaja
i	y	<u>p</u> ai, <u>s</u> aia	<u>i</u> e, <u>u</u> asei	eles, açai

Fonte: Cora Carolina A. dos Santos

Em junho de 1981, durante realização do segundo curso de linguística na cidade de São Luís do Maranhão, ministrado por Ruth M.F. Monserrat, foi feita a organização de informações gramaticais da língua relacionadas a:

- Análise das orações a partir da noção de núcleo; identificação do predicado, e demais termos orais de como são pronunciadas as vogais e consoantes;
- Descrição a partir de critérios morfológicos da função gramatical e semântica dos morfemas;

- Construção de classe lexicais a partir das funções gramaticais dos morfemas e suas propriedades morfológicas.

Em 1982, já envolvidos com o entusiasmo da fala do cacique Tangarra, para atender às crianças que falavam somente a língua portuguesa, foi criado pelo CIMI o *Lekol Kheuol* (Escola Kheuol), onde os monitores Zildo Enéias e Cipriano dos Santos foram preparados pela irmã Rebeca do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) para ensinar a língua kheuol nesta escola. Assim começou o ensino bilíngue na aldeia Manga. Esta foi uma das primeiras iniciativas para o fortalecimento da língua kheuol, que quase desapareceu na comunidade, deixando que só os mais velhos falassem com fluência. Nesse âmbito, podemos dizer que a gramática foi fundamental para o fortalecimento da língua kheuol no ensinamento na escola, desde as séries iniciais até o ensino médio, a gramática da língua kheuol é a ferramenta mais utilizada na escola e comunidade não somente para planejamentos dos professores mais também para formulação de documentação na língua kheuol. Desta forma podemos citar a fonética com as consoantes no final de palavras que não são explodidas. EX: *kuak* (farinha), também o acento ocorre na última sílaba Ex: *lahivie* (rio) pronuncia-se lahivié. As vogais adjacentes a “n”, “m”, “ng”, são levemente nasalizadas. Ex: *plim* (pena); *tximun*(criança). Quanto na morfologia o verbo no presente é no sentido qualificativo ou habitual. Ex: *mo mǎje* (eu comi); no passado afirmativo Ex: *le mǎje deha* (eles já comeram). Todas essas formas gramaticas são importantes para o ensino da língua kheuol nas escolas Karipuna.

Na realização do terceiro curso de linguística, em 1984, se finalizou a primeira gramática experimental da língua kheuol, sob orientação de Ruth M.F. Monserrat e Márcio Silva linguista da Universidade de Campinas. O material foi denominado *Gramática Pedagógica Experimental da Língua Kheuol* (1984); recebeu este nome porque foi pensado exatamente para o ensino da língua na escola.

Esse MD inicia com Histórico e Metodologia. Que fala da língua Kheuol como língua materna dos Karipuna e Galibi-Marworno da região Norte do Amapá e do povo Palikur língua de contato entre os povos e com a Guiana Francesa, onde também é falada esta língua. Também explica como começou o estudo da língua kheuol, a partir de um curso básico de linguística do CIMI Norte II, Pará e Amapá e CIMI Maranhão-Goiás, que se realizou em maio de 1980, ministrado por Ruth M. F. Monserrat, linguista da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este curso iniciou em Belém e terminou na aldeia do Espírito Santo, no rio Curipi no Município de Oiapoque. Na primeira etapa, do curso ocorreu a transcrição fonética do vocabulário padrão do Museu Nacional, com apoio de Adriana e Cleta, índios karipuna. Em seguida, as identificações das orações e seus termos. Assim continuaram com a coleta de dados com intuito de sistematizar

as hipóteses fonológicas e a estrutura morfológica e sintática da língua, e correspondência de letras e sons.

A *Gramática Pedagógica Experimental da Língua Kheul* está composta pelo alfabeto das consoantes e vogais que se divide em alfabeto kheul, som, exemplos em português, exemplos em kheul e tradução. Os aspectos fonológicos de como o acento ocorre na última sílaba; como são usados os sufixos -la e -iela, são sempre átonos; as consoantes finais de palavras não são explodidas; também existe sílabas abertas e fechadas e palavras emprestadas do português se adaptam a estrutura sonora da língua kheul. Quanto a morfossintaxe o substantivo morfológicamente aparece ou pode aparecer com os sufixos -la e -iela e pode também com o sufixo -txi, sintaticamente o substantivo desempenha várias funções de sujeito, objeto e predicativo em oração equativas, semanticamente é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. Assim também em sua classificação em relação aos nomes próprio, comum, concretos e abstratos, a língua às vezes forma o abstrato a partir de um substantivo, verbo, adjetivo e sufixo -mã, ocorre a mudança morfológica, variável dependendo da terminação da raiz. Ex: kōtã gostar, kōtãmã amor, alegria.

Quanto ao número, usa o sufixo -la para o singular e no plural o sufixo -iela. No grau para formar o diminutivo usa-se o prefixo txi, no aumentativo é formado pelos adjetivos GHO e GHÃ, também existem palavras que os adjetivos são unidos na raiz e forma uma palavra composta. Ex: ghãpapa, avô. Em relação ao gênero não existe uma forma morfológica que expresse o gênero dos substantivos, as coisas não têm gênero, o sexo das pessoas e dos animais é expresso através de palavras aditivas, para pessoas usa-se *uom* (homem) para indicar o sexo masculino e *fam* (mulher) para o sexo feminino, para os animais usa-se as palavras *femel* (fêmea) e *mal* (macho). Enquanto os pronomes apresentam como formas livres substituindo o substantivo (pronomes substantivos) ou determinando-lhe a extensão do significado (pronomes adjetivos), também podem exercer funções sintáticas de sujeito, objeto e predicativo. No caso de pronomes indicadores de pessoa (pronomes pessoais) e os que indicam PESSOA+POSSE (pronomes possessivos), tanto em sua forma livre e na dependente, apresenta variações na 3ª pessoa e nos pronomes possessivos em sua forma livre com o acréscimo do sufixo PA, o LI, torna-se -l quando está em função de objeto direto e o verbo termina em vogal.

Segundo a gramática de 1984 da língua kheul, os substantivos que indicam as partes do corpo são precedidos pelo pronome possessivo em forma dependente, como é usado com referência às coisas para indicar que uma parte pertence a um todo. Assim como acontece com o pronome demonstrativo “SA”, que situa a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais, no espaço ou no tempo. O pronome relativo “KI” tem normalmente o

sentido de especificador, ficando no lugar do sujeito ou objeto, é invariável em gênero e número. No caso dos pronomes interrogativos são invariáveis em gênero e número, o “KIN” é usado só na função de sujeito, o “KIMUN” é usado tanto na função de sujeito como na de objeto. Quanto aos adjetivos e advérbios que têm a mesma estrutura morfológica mais têm duas categorias diferentes devido a função sintática. Os adjetivos que modificam os substantivos indicando-lhes: qualidade, quantidade, número e ordem e são invariáveis em gênero e número. Os advérbios que são palavras que especificam e qualificam um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, dependendo de sua posição o *pi*, *pa*, *pãko*, são os únicos advérbios que ocorrem entre o sujeito e o verbo independentemente de indicar intensidade, lugar, modo, tempo, negação e afirmação.

Nos Graus do adjetivo e advérbio as formas se classificam em Grau Superlativo que acentua a qualidade ou a intensidade sem relação a outros componentes da oração. No Grau de Superioridade o que acentua na qualidade ou a intensidade de um elemento sobre o outro. Quanto ao Grau de Igualdade, é expresso através das conjunções: *kumã*, *sãble*, *uakhe*, *kõ*, *si*. Em relação ao verbo, morfológicamente são os que podem ser precedidos pelos morfemas de tempo: *ka*, *te*, *ke*, e o sufixo *-l*. Sintaticamente na oração o verbo tem função de predicado; semanticamente o verbo é uma palavra que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo, ou então liga o sujeito com o predicado, indicando equação de estado. Também se classifica em três classes: Verbos de ação, que expressam a ação do sujeito; verbos de ligação, que predicam uma equação (igualdade) entre sujeito e predicado; verbos de estado, que expressam qualidade, modalidade, estado do sujeito.

O verbo nas formas morfológicas apresenta ausência de formas de aspecto e tempo. Nesse caso o verbo pode expressar: presente, passado, imperativo. No presente, dá sentido de qualificativo ou habitual; no passado afirmativo; no imperativo expressa ordem, convite, e aparece sem sujeito expresso. Na conjunção a forma do verbo permanece invariável, mantendo apenas só os marcadores de pessoa em função de sujeito e objeto e os morfemas que indicam tempo, condição e modo. Quanto à flexão do verbo, ele é invariável para número e pessoa, e são expressos pelo sujeito da oração; as variações de tempo são indicadas pelos morfemas homônimos e por advérbios. Os modos do verbo: indicativo expressa afirmação e certeza; subjuntivo expressa dúvida e incerteza; imperativo expressa ordem, convite. Na forma Ativa, o verbo é seguido pelo objeto, quando ele, é transitivo ou intransitivo; reflexiva, nomeia partes do corpo; recíproca, é formada usando *ie kōpãie*. Quanto à forma negativa o verbo é indicado pela partícula “*pa*” preposta ao predicado.

No caso da Sintaxe tem o objetivo de observar a ordem das palavras nas sentenças e

ainda os processos de subordinação e coordenação. Nesta língua, não se deve confundir uma locução nominal com uma frase do tipo (NA), porque uma locução nominal não vem acompanhada do morfema “ta” ao contrário das frases do tipo (NA). Nos períodos compostos, existem duas ou mais orações, que chamamos de oração principal, aquela que não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período composto por subordinação. A oração subordinada funciona como um termo ou parte de um termo essencial, integrante ou acessório de outra oração. Para as orações coordenadas assindéticas, que são ligadas só por entonações e pausa, expressando certas relações semânticas de tempo, causa, ênfase. Nas orações sindéticas que são ligadas por uma conjunção coordenativas, quase não se usa nesta língua. Por fim, no final do livro de gramática da língua kheuol tem os dias da semana, meses do ano, numerais cardinais, numerais ordinais e expressões usadas com frequência. Assim é composta a Gramática Experimental da Língua Kheuol do povo Karipuna e Galibi-Marworno.

As cartilhas produzidas em mutirão (1982): No Lang; No lang pu no thavai; lide pu mōthe tximun lãdã no lang kheuol; No ka kumase ãphan lãdã no lekol kheuol; no ka kumase li i ekhi lãdã no lekol kheuol; No liv dji ixtua 1, 2 e 3 e os livros de exercícios que acompanham as cartilhas, são utilizados como material de apoio até hoje nas escolas indígenas nas aulas de língua kheuol desde da alfabetização, ensino Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio.

#### Cartilha NO LANG:

Na cartilha no Lang, como metodologia, era utilizado o desenho e o nome. Ex: desenho do poço, o nome: PI, POÇO, e sua família silábica, palavras formadas com essas famílias e outras. Também foram construídas quatro cartilhas com a metodologia, o desenho e um pequeno texto sua família silábica formação de palavras e frases, até completar todo o alfabeto da língua kheuol. Ex: o desenho do takahi, texto: Papa ale la kanũ ke so takahi.

Li ale sase fei tuluhi.

Li ka ale sasel pu fe so kaz.

So pitxit pa ka ale, li ka hete la kaz.

Li ka asi, ka hule so tupi, so tupi ki li fe.

Ele foi buscar folha de palha.

Ele foi buscar para fazer sua casa. Seu filho não foi, ele fica em casa.

Ele está sentado, rolando seu pião, o pião que ele fez.

Cartilha NO LANG PU NO THAVAI:

Livros de exercícios: NO KA KUMASE ãPHAN LãDã NO LEKOL KHEUOL; ANU KÕTE LãDã NO LEKOL KHEUOL; NO LIV DJI IXTUA 1, 2, 3.

Este livro LIDE PU MÕTHE TXIMUN LãDã NO LANG KHEUOL, Oiapoque, janeiro de 1996. Também foi construído pelos professores bilíngues em mutirão, é um livro de orientação para os professores da alfabetização na língua, foi baseado nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, no método que parte de uma história para analisar suas partes, as sílabas e letras. Este livro de apoio pedagógico tem o passo a passo dos temas geradores para aprender e fixar novos grafemas que correspondem aos fonemas. Também traz a interdisciplinaridade nos exercícios de matemática, estudos sociais e ciências, que serão de acordo com a realidade local e a situação no momento. O livro vai ensinado como fazer para desenvolver uma boa aula no dia a dia, e como introduzir cada som das vogais e consoantes.

A metodologia desde livro abaixo é como trabalhar as atividades com os alunos, ou seja, professor e alunos nas atividades coletivas, deixando o aluno criar suas próprias histórias e a partir delas fazer novas atividades.

KUMã DJIVET FE PU MÕTHE XAK SÕ: São instrumentos para o professor desenvolver seu plano de aula em sala de aula.

Zes pu tximun-iela kõtã ãphan;

ãsam ke tximun-iela fe ixtua, ekhil lasu kuad; 3-Li ixtua-la kumã u ka pale;

Hukonet let dji sã ki le mõthe;

Make pahol-iela lãdã ixtua ki gãi~e as sã;

Xõje ke tximun-iela uot pahol-iela ke men sã; 7-Dji, make let ki u ka mõthe lãdã pahol-iela;

8-Ekhi let-iela lasu tab (ke duet), lasu kuad (ke jis), lasu papie (ke lap).

A partir desta cartilha a metodologia é somente para ensinar o professor como desenvolver seu trabalho em relação às vogais orais e nasais:

LIDE PU XAK PAHOL

Kana a

Pu kumase: Xãte: Tut txikana save biẽ naje. UOT XOZ PU MÕTHE

Kule: noe, blã, jon (txikana jon kã li fet). Pozisiõ: ãba(so tet), ãle(so latxo i ãle djilo).

Ghoso: pitxi(pitxit) e gho(mamã);

Kãtxite: kõte kõbie gãiẽ ke ie mamã, lãdã dezẽ ou biẽ la dlo;

Kõ pahasiõ: um kana sãble um siasel. Osi sãble um kok i um pul.

Exemplo a palavra KAIMÃ para as nasalizadas. Com as consoantes do alfabeto, também são do mesmo jeito, utilizando o conhecimento do aluno.

Batob

Pu kumase: phomene lâdã bato. Pale dji bato. Ize dezēi dji bato. Uot xoz pu mōthe:

No zes viv: Tut kalite zes voiaje lahivie, lamē. Kõpahe ke out zes voiaje (aviõ, kaho), kumã mun fe bato, dji ki kalite bua i pukisa;

Kãtxite: kōbie mun li ka xaie? Kōbie sak kuak i out bagaj? So fom i ghoso;

Lasãte: pu ize tut tã phop. Pa asi lâdã thãpe i kote ki sal, êtxupe biē dji mãje la viaz.

Assim, a cartilha vai explicando como fazer com todo o alfabeto maiúsculo e minúsculo da língua, também está escrito em português, no final do livro estão todas as musiquinhas na língua: PAPA ABHÃ, MAHI KÕTE, TXI ÊDJÊ-IELA, SIAPÃ, TXIKOK-LA, MO TXI PUL KI JON, TXI KABHUIT, NO TUT ÃSAM KE NO SÊIE, TET ZEPOL E TXI KANA.

Também foi produzido no ano de 1988 um dicionário na língua kheuol, **Kheuol x Português, Português x Kheuol**, elaboração e redação: Francisca Picanço, assessoria Linguística: Ruth M. F. Monserrat, e os colaboradores indígenas das aldeias: Espirito Santo, Kumarumã e Manga. O dicionário contém Apresentação, Histórico e metodologia, Localização e Língua, Nota de Fonética e Ortografia, Aspectos Fonológicos, Abreviaturas, índice das Ilustrações.

Outros livros de alfabetização que também foram produzidos em mutirão, com monitores e apoio do CIMI: **No ka kumase ãplan lâ dã no lekol kheuol**, que tem a metodologia inicial, coordenação motora de cobrir pontilhados e leitura de pequenas palavras envolvendo famílias silábicas mais complexas. Ex: ang – lang, pha – phapha.

Desenho de animais da região para pintar e recortar e colar.

Neste livro, **No ka kumase li i ekhi lâdã no lekol kheuol**, a metodologia coordenação motora das vogais e consoantes, formação de palavras e frases, leitura da palavra e desenho, ligação de sílabas, leitura de pequenos textos. Exemplo: Uasei (açá) leitura das vogais e atividades envolvendo as mesmas.

Em 1996 foram produzidos livros de histórias: **No Liv dji Ixtua**, que histórias da comunidade e atividades para responder, separação de sílabas, escrever nomes dos desenhos, espaço para o aluno escrever sua própria história. Esses materiais didáticos que foram produzidos em mutirão nas comunidades indígenas da região do Uaçá, feitos pelo CIMI junto

dos monitores indígenas para a manutenção e fortalecimento da língua Kheul Karipuna, para que ela não desapareça por influência da língua portuguesa.

Entender o nível que abrange o ensino da língua kheul na escola, o porquê de apesar de este ensino estar há vários anos no espaço escolar, contando com alguns materiais didáticos específicos na língua indígena e professores indígenas, como justificar a defasagem de aprendizagem entre os alunos desta instituição na língua indígena, onde está a falha que impede os alunos de aprenderem a falar e a escrever na língua indígena, principalmente nas series iniciais. Tentar entender este modelo de ensino e aprimorá-lo para que consiga ajudar no ensino aprendizagem e na difusão e manutenção da língua indígena entre a comunidade escolar.

## CAPÍTULO II

### UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E DO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL

Neste capítulo abordaremos a Educação Escolar Indígena e as Leis que amparam legalmente o ensino de línguas entre os povos indígenas no Brasil. Junto a isto, discorreremos sobre como está a educação escolar entre os Karipuna da comunidade Manga, quais são suas expectativas em relação a este ensino. Quais documentos legais amparam a E.I.E.J.I por uma educação escolar específica, intercultural, bilíngue e diferenciada pautada na Constituição Federal de 1988. O que o Projeto Político Pedagógico da E.I.E.J.I rege em relação à língua kheuol, como está língua é vista na comunidade escolar e para quê, querem aprender a língua, o que tem feito para o fortalecimento da língua kheuol.

Quando a educação escolar chegou aos povos indígenas no Brasil foi com propósito de “Educar”, “Civilizar” na língua portuguesa, língua padrão do país, este modelo de educação escolar deu-se quase o extermínio das línguas indígenas do país. A educação escolar indígena atual é uma luta dos povos indígenas e está garantida na Constituição Federal do país, no artigo 231, que rege “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”, (PCN, p. 16, 2002) A partir desde artigo que o modelo de escola e educação escolar indígena foi pensada pelos povos indígenas de acordo com a especificidade de cada povo desde país. A escola diferenciada pensada pelas comunidades indígenas é uma escola que respeita a diferença e em especial que a língua indígena seja ensinada na escola com respeito a cultura, costumes e tradições e a memória dos antepassados.

Neste cenário atual, a educação escolar indígena com ênfase nas línguas indígenas tem se fortalecido principalmente no contexto escolar. Para o professor Euclides Pereira, Macuxi/RR, “A escola indígena tem que estar referenciada no território, na língua, na cultura, se não ela não tem sentido, não nos ajuda em nada. A ideia de fundo da educação escolar indígena é a construção da autonomia”. (Direitos Indígenas na Constituição Federal 1988, p. 11. 2002). Pautado no pensamento do professor que a educação escolar indígena pensada pelas comunidades indígenas é a partir do conhecimento do aluno, assim ele possa interagir com outros conhecimentos em nível global.

## 2.1 LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A Educação Escolar Indígena oferecida para os povos indígenas em nosso país, desde o descobrimento teve como objetivo de integração dos povos indígenas a sociedade brasileira, sem respeito as culturas, diferenças, especificidades, línguas e o modo de vida de cada povo. No cenário atual a educação escolar indígena é garantida por lei, como na LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no capítulo II da Educação Base, título VII- das disposições gerais do artigo 32 que “I- proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências:” (PCN, 2002, p. 23). Todas essas garantias pautadas na LEI Nº 9.394, foram gritos de lutas dos povos indígenas para mostrar a diversidade de povos indígenas existente no Brasil, com cultura e língua diferenciadas.

A união dos povos indígenas foi fundamental para o movimento indígena na conquista pelos seus direitos na Constituição Federal de 1988, no Artigo 231- que reconhece aos índios “[...] sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre suas terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarca-las, proteger e fazer respeitar todos seus bens”. (PCN- Parâmetros em Ação, Educação Escolar Indígena, 2002, p. 16). Neste sentido, o país reconhece que é um país pluricultural, a educação escolar indígena começa a caminhar por uma educação escolar diferenciada. Com a imposição das escolas tradicionais no país e nova reformulação da constituição de 1988, os povos indígenas com apoio das ONGS e do CIMI, viram uma oportunidade de mudar o cenário escolar das comunidades indígenas, houve um grande movimento indígena no Brasil e encontros de povos indígenas em Brasília em favor dos direitos indígenas.

Mais um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 no capítulo que se trata da Educação, parágrafo 2 do artigo 210 estabelece: “O ensino Fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada as comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios aprendizagem”. (PCN- PARÂMETROS EM AÇÃO, EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, 2002, p. 16). Com mais esse artigo garantido por lei, os povos indígenas começaram a pensar em uma escola específica para cada povo, uma escola onde o aluno possa falar a sua língua materna sem medo de ser castigado. Com esta grande conquista, queremos uma educação que seja Intercultural, Comunitária, Específica e Diferenciada, que está escola possa oferecer o ensinamento das diversas culturas, línguas e pensada nas particularidades de cada povo, essa é a característica da escola indígena.

Segundo o artigo de Kahn e Franchetto, no entanto, existem forças contraditórias sobre

as leis postas pelos Governos e os povos indígenas. “[...] hoje com a conquista alcançada na última Constituição referente aos direitos indígena, parece haver um jogo de forças contraditórias entre as posições progressistas garantidas na lei e a efetiva consecução desses princípios”. (KAHN; FRANCHETTO, 1994, p. 05). Pautado neste pensamento das autoras, podemos ver a situação da educação escolar indígena atualmente, mesmo garantido por lei, as escolas têm muitas dificuldades em colocar em prática essas leis, os governos Estaduais e Municipais passam por cima da lei quando se trata de escola indígena, elaboram os projetos educacionais iguais para todos sem se preocupar com a diversidade cultural de cada povo indígena, sendo assim a lei só existe no papel na pratica não funciona bem.

A Educação Indígena também está amparada na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394), a nova LDB no artigo 78, estabelece que, “II- garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas”. (PCN. 2002, p. 23). Neste artigo, a nova LDB deixa bem claro que a educação escolar indígena é específica e diferenciada, que os povos indígenas têm direito ao contato com outros povos, tem enfatizado o bilinguismo e a interculturalidade, com o mundo envolvente. Assim também no Plano Nacional de Educação Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001, que também assegura que a educação bilíngue deverá ser atendida pelos professores indígenas. Para o conhecimento de todos, as leis existem só falta os governantes colocá-las em prática, assegurando aos povos indígenas o fortalecimento de suas identidades e culturas tradicionais.

## **2.2 ENSINO DE LÍNGUAS ENTRE POPULAÇÕES INDÍGENAS BRASILEIRAS**

Atualmente o ensino de línguas indígenas não é somente para o aluno ler e escrever sua língua, é a valorização dos conhecimentos que a língua oferece dentro da sua cultura. É através da língua que o povo transmite seus conhecimentos tradicionais passados de geração a geração. Para o professor Babati, a língua indígena é: “[...] que a nossa língua materna seja considerada a autoridade máxima, como uma disciplina principal. E que a língua portuguesa seja a segunda língua. Isso de acordo com as diferentes etnias, mas sempre valorizando o que é de origem”. (BABATI, XAVANTE, MT. 1998, p. 119). De acordo com o pensamento do autor que a língua indígena e língua portuguesa, são importantes para o povo indígena, a língua portuguesa é importante na relação de contato com o mundo envolvente, como nas relações econômicas, políticas e negociações em geral. A língua indígena que é tradição oral, os povos também querem usufruir dos direitos linguísticos de suas próprias línguas indígenas, das diferentes

etnias existente no país.

A língua kheuol na escola da comunidade Manga é a língua que transmite para os alunos seus conhecimentos tradicionais como: cultura (os grafismos karipuna); costumes (bebida do kaxixi); tradição (dança do turé), todos são heranças deste povo. Segundo Aniká, Forte e Gomes (2019, p. 88) “Como língua de herança, kheuol é aquele presente na comunidade Manga através dos idosos, e dos avós. São eles que ainda a conhecem em seus mais diversos domínios internos (gramaticais) e externos (semântico-pragmático)”. Podemos observar que a língua kheuol não somente é a língua de herança deste povo, também está presente na cultura e crença, principalmente na cosmologia que é a língua que faz o elo dos seres humano com seres sobrenaturais.

Para Souza e Faccioni o ensino da língua indígenas nas escolas indígenas tem que ter características próprias de ensino, “Cada etnia tem suas características culturais, identitárias e linguísticas. Carregam em si as tradições dos antepassados por meio de culturas que vão além dos anos, constituindo-os em processos hídricos identitários singulares”. (SOUZA, FACCIONI, 2019, p. 32). De acordo com os pensamentos das autoras todo povo indígena tem seu jeito de organizar suas políticas internas e externas, para o bom convívio coletivo na comunidade e na escola. Por isso que a educação escolar indígena tem que ser planejada e pensada junto com os mais velhos, porque são eles os sábios da comunidade.

A educação escolar indígena é um trabalho coletivo, escola e comunidade nos processos de formação das pessoas, essa forma de educação combinam espaço e momentos formais e informais, com concepções próprios sobre o que deve ser ensinado. Segundo RCNEI. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros (RCNEI, 1998, p. 23,). Estes saberes tradicionais e coletivos que são passados para gerações futuras e ensinados a partir dos conhecimentos dos mais velhos: defesa do território, cultura, língua, identidade e conhecimentos universais.

### **2.3 UM POUCO MAIS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ENTRE OS KARIPUNA**

Os povos indígenas Karipuna e Galibi-Marworno foram os responsáveis pela criação e luta do movimento indígena da região de Oiapoque- AP, TI Uaçá, por uma educação específica, diferenciada e bilíngue nas décadas de 1970/1980. Segundo Silva,

O CIMI introduz conceitos novos como a importância do conhecimento e valorização de suas culturas, respeito a tradição, que a educação fosse pensada a partir de sua

própria realidade. E para pensar essa nova escola, era preciso ‘restaurar’ algumas consequências das escolas introduzidas pelo SPI, que negavam a cultura, e principalmente a língua. (SILVA, 2011, p. 08).

A partir desses conceitos os povos indígenas lutaram por uma educação escolar diferenciada que deu a eles autonomia, e a garantia da língua kheuol não desaparecer, já que tinham perdidos as suas línguas de origem. Os professores Karipuna e Galibi- Marworno foram os protagonistas da principal política para a implantação e a implementação de escolas indígenas, por isso podemos perceber o desejo e anseios dos professores indígenas, cansados de uma escola assimilacionista e integracionista e uma educação escolar vista como rural, que lutaram junto ao povo e seus apoiadores por uma educação voltada para a realidade do aluno e modo de vida de seu povo. Após a formação dos professores indígenas fundaram OPIMO (Organização dos Professores Indígena do Município de Oiapoque), juntos com as associações dos povos indígenas da TI Uaçá, conquistaram concurso público e categoria de professores indígenas no Estado, ressaltar que o professor indígena é uma liderança na sua comunidade.

Para Aniká, Forte e Gomes (2019), que comentam a situação da língua kheuol entre os Karipuna, “Se, por um lado os mais velhos evitam usar palavras em PB, preferindo traduzir para sua língua – justamente para não misturar as duas línguas – por outro lado, os mais jovens cada vez mais se abrem para o aprendizado e uso cotidiano do PB”. (ANIKÁ; FORTE; GOMES, 2019, p 87). Observando a preocupação dos autores com o kheuol dos mais jovens de sua comunidade, onde o PB cada vez mais vai ocupando espaço de prestígio no cotidiano dos mais jovens, é importante ressaltar novamente que o kheuol da comunidade Manga é as crianças e os mais jovens que não falam e nem mostram interesse em aprender a língua kheuol. Porém a escola tem tentado com pequenas ações como: semana cultural que é realizado uma vez por ano, no fortalecimento da língua kheuol com os alunos e jovens da comunidade escolar.

Outro desafio é o professor indígena pesquisador da sua própria cultura e língua, para conhecimento de sua formação, intelectual e profissional. Segundo Forte em seu artigo de Conclusão de Curso: “Realizar essa pesquisa sobre a língua kheuol na minha aldeia foi bastante interessante: fazer as entrevistas; perguntar a algumas pessoas mais idosas da aldeia sobre os fenômenos de nominalização; e surpreender-me com essas pessoas com as quais, através do conhecimento da língua, explicaram-me a formação da palavra e como esse fenômeno poderia dar o significado a partir de verbos” (ALEX FELIPE FORTE, 2018, p. 03). Quando o próprio professor indígena pesquisa sua língua, ele a conhece em todo seu aspecto linguístico e com esse conhecimento passa para futuras gerações, e fortalece a língua e a educação escolar indígena na sua comunidade.

A educação escolar diferenciada é vivenciar uma escola onde os ensinamentos são transmitidos ambos iguais, ou seja, nas duas línguas kheuol e português. Para que estes conhecimentos sejam de valorização e revitalização aos conhecimentos tradicionais, cultura em especial a língua Kheuol. Segundo Aniká (2011), “uma escola específica e diferenciada garante a nossa autonomia frente ao patrimônio cultural. Respeita o nosso modo de viver, aprender e de expressar nossa cultura. Permite e dá acesso aos nossos filhos a conhecer a história de seu povo sem repressão ou discriminação” (NARA ANIKÁ, 2011, p. 9). Partindo da fala da autora podemos perceber a importância da língua kheuol para esse povo, através dela que o povo passa seus valores patrimoniais e sua autonomia.

A resistência da língua Kheuol na comunidade Manga foi a luta dos professores e caciques, para que a língua kheuol fosse ensinada na escola, para que as crianças aprendessem e através dela contar a história do povo Karipuna. Segundo SANTOS e Aniká, outro fato importante para o fortalecimento da língua kheuol na escola foi “[...] a aprovação do Currículo de Ensino Fundamental para as escolas indígenas karipuna [...]” (SANTOS; ANIKÁ, 2015, p 11). Foram professores, os grandes protagonistas na construção deste currículo e na valorização de uma educação escolar indígena específica e diferenciada. Diante disso, podemos afirmar que os professores indígenas karipuna contribuíram para essa escola diferenciada garantindo a existência da língua kheuol do povo karipuna em especial da comunidade manga.

Convém lembrar que a primeira escola bilíngue Karipuna foi na comunidade do Espírito Santo, nos anos 1980, “No lekol Kheuol”, alfabetização na língua, para as crianças falantes e não falantes da língua kheuol. Segundo Silva (2011), os governos da época queriam que os povos indígenas fossem monolíngues, falassem somente a língua portuguesa: “...a irmã Rebeca Spires, entrevistada na reserva indígena do Uaçá com objetivo de recuperar a língua patoá (kheuol). Com isso, conseguiram a recuperação de palavras e expressões, o que possibilitou a elaboração de um dicionário português / kheuol / kheuol/ português, que deu ânimo novo para a introdução de uma escola bilíngue...” (SILVA, p. 08. 2011). Atualmente os alunos que estudaram na escola Lekol Kheuol, falam que aprenderam a falar e ler em kheuol, por que os monitores da época só davam aulas em kheuol, tem a língua kheuol como língua materna.

Outros fatores importantes que aconteceram nos anos 1990 que contribuíram para uma nova escola e para o término da escola de alfabetização lekol kheuol, saída do CIMI das aldeias, mudança de Estado (Território), escola Municipal para Estadual, a imposição para que os professores indígenas fossem qualificados nos níveis de magistério e universidade. Talvez seja difícil dizer, mas a formação dos professores indígenas foi o motivo pelo qual não continuou o lekol kheuol e a língua portuguesa novamente volta como língua de prestígio. Porque os

professores que ensinavam a língua kheuol na época não eram formados para trabalhar na educação, tinham apenas curso ofertado pelo CIMI para trabalhar com a língua kheuol, como eram falantes da língua a metodologia de ensino era todo na língua e as crianças aprendiam a falar a língua kheuol. Por outro lado, os cursos de formação indígenas são voltados para o fortalecimento das línguas indígenas e cultura. Porém no caso da língua kheuol na E.I.E.J.I tem fugido um pouco desta realidade, os professores indígenas em resposta ao questionário alegam que não tiveram formação na língua kheuol, também não dominam a língua em sala de aula.

Porém, sabendo da falta de professores formados na língua kheuol os gestores das escolas indígenas falante da língua não se preocuparam em solicitar junto ao governo formação para os professores para o fortalecimento da língua kheuol. Por outro lado, durante todos esses anos não havia indígenas formados na área de linguística para lutar pela língua kheuol, para que não desapareça, já que a língua portuguesa é a dominante entre os karipuna do Estado do Amapá.

## **2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E DOCUMENTOS LEGAIS DA E.I.E.J.I**

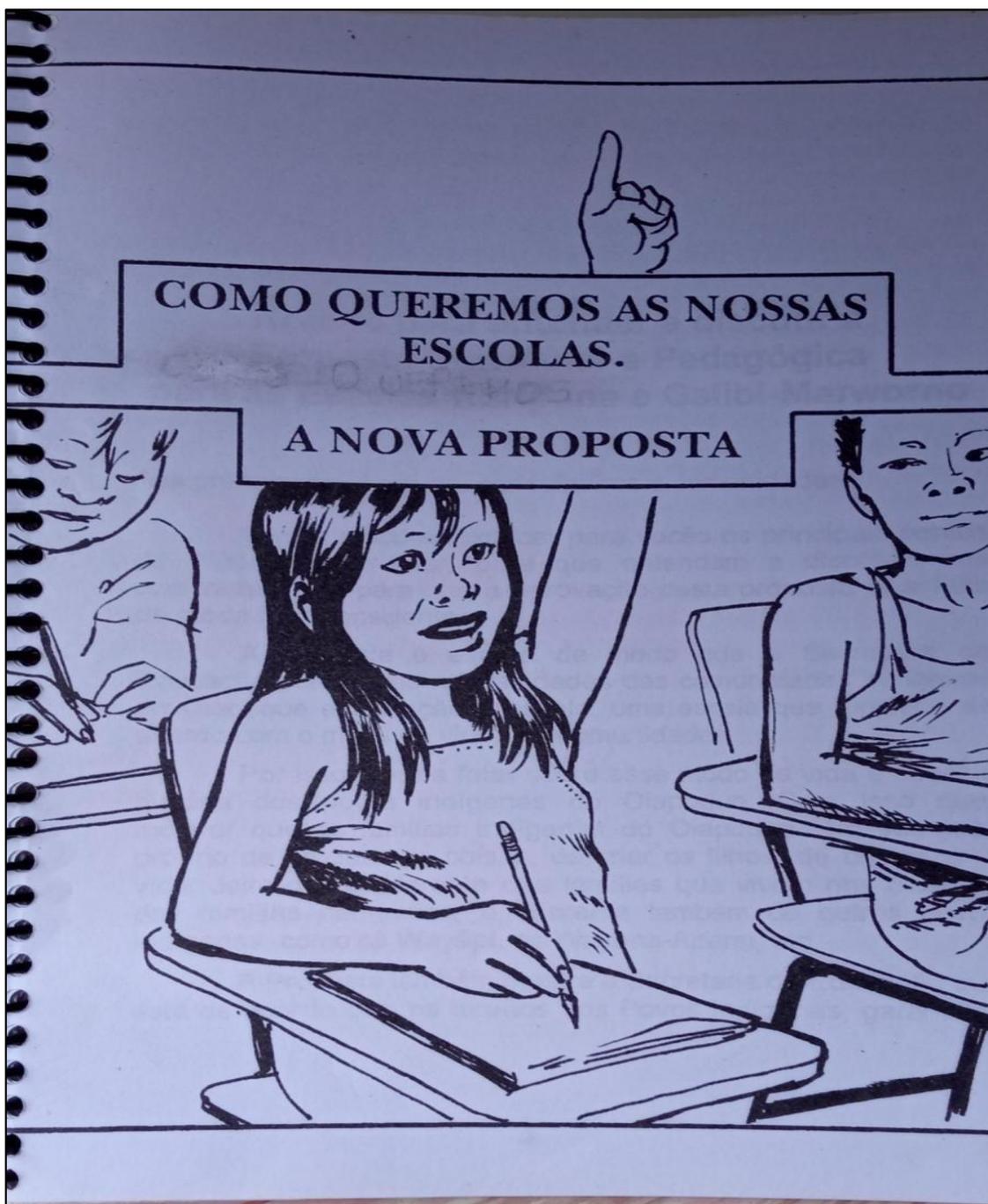
Durante décadas a Educação Escolar Indígena ficou submissa a órgãos do Município, em relação a documentação dos alunos, quando a escola passou para o Estado e a necessidade de formação continuada para os professores indígenas em nível superior, os professores e CIMI pensaram em um currículo específico para as escolas indígenas, com aprovação do curso superior para indígenas: Curso de Licenciatura Intercultural indígena pela UNIFAP – AP Campus Binacional de Oiapoque, para certificar os alunos nas modalidades de Ensino Fundamental e Médio precisou criar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, para poder ser reconhecida legalmente.

No ano de 1996, os povos Karipuna e Galibi-Marworno de todas as aldeias participaram do encontro pedagógico dos professores Indígenas da região do Uaçá, ofertado pelo CIMI no mês de janeiro, onde surgiu a proposta do Currículo dos povos Karipuna e Galibi-Marworno, com a responsabilidade dos professores indígenas de conversar sobre com suas comunidades e lideranças. Neste encontro houve um momento de grande discussão sobre os alunos falantes da língua Kheuol, que tinham dificuldade de aprender, na língua portuguesa e tínhamos que achar uma solução para este problema e também oficializar o ensino na língua kheuol, porque trabalhávamos com a língua kheuol na escola e não era aceita na secretaria de Educação do Estado.

No ano de 1997, saiu a cartilha com o roteiro para entender e discutir a proposta

curricular e pedagógica para as Escolas Karipuna e Galibi-Marworno, para os professores explicarem para as comunidades o que é um currículo e que sua aprovação seja bem consciente desde a comunidade até a Secretaria de Educação. Na capa da cartilha, conforme observamos na foto abaixo, estava expressa a informação “COMO QUEREMOS AS NOSSAS ESCOLAS”.

**IMAGEM 02: PROPOSTA CURRICULAR E PEDAGÓGICA PARA AS ESCOLAS KARIPUNA E GALIBI-MARWORNO**



Fonte: Cora Coralina A. dos Santos. 2020.

Esta cartilha de roteiro está impressa junto ao currículo (KGM), roteiro para entender e

discutir a proposta Curricular e pedagógica para as escolas Karipuna e Galibi- Marworno. Na ocasião, a cartilha foi enviada para todas as comunidades indígenas da região de Oiapoque para os professores, caciques, conselheiros e comunidades, juntos discutirem nas reuniões das aldeias.

A cartilha foi organizada pelo Pe. Nello Ruffaldi, pela Irmã Rebeca Spires, Antonella Tassinari e professores indígenas, e tinha como objetivo explicar para as comunidades como queremos nossa escola. Para os professores poderem explicar para a comunidade a respeito do objetivo, contexto, os povos indígenas da região de Oiapoque: Palikur, Galibi-Marworno, Karipuna e Galibi de Oiapoque. Na cartilha também havia informações acerca do marco teórico como definição de currículo é a mesma coisa que definir “ideias ou pensamentos”, sobre a cultura como: natureza, Sistema, contra hegemônica, dimensão política da cultura, identidade, Tradição e modernidade e cultura local e global. E outros marcos teóricos: Educação, Currículo e seus aspectos fundamentais, currículo e seus ciclos, metodologia de trabalho, caracterizando os professores das escolas indígenas, avaliação, calendário, organização das escolas, participação da comunidade e Histórico do Currículo. Esses eram os pontos para que os professores explicassem para a comunidade entender e compreender a escola bilíngue e intercultural, que é a característica da nossa escola.

Com as discussões necessárias feitas entre as comunidades a partir da Cartilha, a proposta Curricular para as Escolas Karipuna e Galibi-Marworno foi sendo pensada de acordo com o modo de vida das comunidades, e bem explícito a diferença entre os povos que vivem no Município de Oiapoque e de outro povos indígenas e não-indígenas. Também mostra à secretaria de Educação do Estado que a proposta está de acordo com os direitos dos povos indígenas, garantido pela Constituição Federal. Na parte teórica, uma discussão sobre “Educação” e “Cultura” (CARTILHA, 1997, p. 2), para que as pessoas da comunidade e lideranças possam entender que cada povo tem uma cultura, tradição, crenças, costumes, língua e identidade. Explicar para as comunidades que educação “é dar os meios para a pessoa desenvolver suas capacidades” e cultura “é um conjunto de conhecimentos de um povo e pode ser um instrumento para entender e aprender”. Nestes pensamentos que a proposta curricular objetiva e valoriza o modo de vida destes povos, com o apoio das lideranças e professores e fique bem claro na base da escola, atitude, respeito e estímulo frente às crianças com conhecimentos próprios de suas culturas indígenas. Além disso o professor é a base de tudo, desde da valorização do material didático na língua kheuol e os que venham do MEC, principalmente os do MEC, precisam ser adaptados para a realidade de cada povo indígena.

Durante dois anos, 1998 e 1999, em mutirão na sede de Oiapoque os professores

indígenas Karipuna e Galibi-Marworno se reuniam nas férias para discutir a proposta curricular junto ao CIMI e seus apoiadores. No ano de 2000, já finalizada e aprovada pelos professores, lideranças e comunidades, a Proposta curricular foi apresentada à Secretaria de Educação do Estado, com o objetivo de explicitar a organização dos povos Indígenas de Oiapoque que desejam suas escolas desde o conteúdo, organização e metodologia de acordo com seus princípios e socioculturais, garantir o reconhecimento oficial da Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural, entendida por nós como:

Processo social permanente, participativo, organizado, flexível e dinâmico, que se baseia à livre expressão, fortalecimento e dinamização da identidade cultural dos povos indígenas, no contato com sociedades nacionais, plurilíngues e multiétnicas, como é o caso do Brasil. (NIETA MONTE et ali, 1996).

O Currículo explicita cada capítulo e seção sobre a região e vida destes povos, como marco legal e conjuntural, um resgate da história e cultura no marco da resistência, breve histórico da região, histórias mais recentes, história da escolarização; marco teórico: cultura, cultura e natureza, a cultura como sistema, a cultura como contra hegemônica, dimensão política da cultura, identidade, tradição e modernidade, cultura local e global. Porém, colocando a escola como espaço de conhecimento e instrução no processo de valorização e fortalecimento da cultura e identidade levando em conta as mudanças.

Sabemos que o currículo foi pensado de acordo com o modo de vida destes povos, também nasceram princípios norteadores de uma educação indígena bilíngue e intercultural. No currículo, o bilinguismo pretendido para a escola afirma o seguinte: “Entendemos por escola bilíngue aquela em que professores e alunos expressam e transmitem seus conhecimentos com competência comunicativa em duas línguas”. (CKGM, 1998, p. 34). Assim sendo, a escola indígena forma alunos com habilidades de ler, escrever, interpretar, se expressar, ter capacidade crítica, escutar, dialogar, nas duas línguas: língua kheuol e língua portuguesa e dominar fluentemente a escrita e oralidade de ambas as línguas. Para além da inserção no Currículo da escola bilíngue, outra mudança da escola a partir dele se referiu à organização das etapas. Durante toda a história da Educação Escolar Indígena nas escolas da Terra Indígena Uaçá as turmas foram por séries, já o currículo mudou as séries por CICLOS seguindo os objetivos gerais e específicos discriminados no quadro geral dos ciclos.

**QUADRO 1 GERAL DOS CICLOS**

CICLOS	ASPECTOS GERAIS	DURAÇÃO
1º ciclo	Alfabetização na língua materna, aprendizagem da 2ª língua, coordenação motora e noções básicas das ciências físicas e naturais e da estrutura social.	04 anos 800 h/aula por ano
2º ciclo	Leitura, escrita, interpretação expressão oral e crítica nas duas línguas; aprofundamento das noções básicas de matemática e demais disciplinas.	04 anos 800 h/aula por ano
3º ciclo	Cursos específicos visando profissionalização e/ou aprofundamento de estudos visando uma preparação acadêmica para o Ensino Médio.	02 anos 800 h/aula por ano

Fonte: ANIKÁ, Maria, 2021

Como observamos no quadro geral dos ciclos, no currículo o ensino aprendido é bem visível nas duas línguas kheuol e português. O primeiro ciclo é para alunos da Educação Infantil e Fundamental 1 na duração de quatro anos, a alfabetização é feita na materna que o aluno fala e aprendido na segunda língua, no caso da E.I.E.J.I todas as crianças são alfabetizadas na língua portuguesa. O segundo ciclo é para alunos do Ensino Fundamental 1 e 2, com duração de quatro anos, o aluno sairá deste ciclo com domínio de leitura e escrita nas duas línguas kheuol e português. O terceiro ciclo é para alunos do Ensino Fundamental 2 com duração de dois anos, o aluno sairá deste ciclo com domínio nas duas línguas e preparado para cursar o Ensino Médio. Portanto os objetivos da CKGM é trabalhar mais as habilidades dos alunos com auxílio do professor do que conteúdo a serem transmitidos aos alunos pelos professores. O CKGM aposta em uma escola que valoriza os saberes tradicionais, Intercultural e bilíngue. De posse deste currículo, a E.I.E.J.I organizou seu Projeto Político Pedagógico. Na seção seguinte, tratamos do lugar e do papel da língua kheuol nesse PPP.

## **2.5 A LÍNGUA KHEUOL NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA E.I.E.J.I**

Com o Currículo discutido na seção anterior aprovado pela Secretaria de Educação em 2006, as escolas indígenas karpuna elaboraram seus próprios Projetos Políticos Pedagógicos

(PPP). A E.I.E.J.I, por sua vez, fez seu PPP de acordo com o tipo de Educação que a escola deseja, respeitando as legislações da Constituição Federal de 1988, nos artigos -231 e 210, que amparam a educação escolar indígena e seus princípios norteadores: Bilíngue, Intercultural, Específica, diferenciada e comunitária. A escola reuniu-se com os professores indígenas e não indígenas, lideranças, comunidade pedagogo, e professores do Curso de licenciatura Intercultural Indígena, para discutir sobre o PPP, por que já tinha o currículo para ser o marco teórico da educação, foram três dias de discussão e finalizar.

A construção do PPP da E.I.E.J.I foi feita considerando-se como princípios uma escola que valoriza e respeita a cultura e modo de viver deste povo. Além disso, o PPP pensou uma escola que trabalha com uma educação voltada à diversidade cultural, à valorização da vida, ensino bilíngue, valorização da cultura indígena nas suas diversas manifestações sociais e artísticas. Pois além das disciplinas da base nacional comum que são trabalhadas, também fazem parte da matriz curricular da escola as disciplinas de língua indígena (kheuol) e cultura indígena. Igualmente, por a escola ser diferenciada, se preocupa com a educação tradicional do seu povo.

A presença da língua portuguesa e da língua indígena na escola é o elemento que a caracteriza como escola bilíngue. A presença dessas línguas na escola se dá num contexto em que a metade da população da comunidade Manga, como os mais idosos e algumas famílias são bilíngues, falantes da língua kheuol e português. A língua kheuol vem como uma disciplina de língua materna ou língua indígena visando que o aluno tenha conhecimento e diálogo através da língua kheuol.

A aula de língua kheuol surge no contexto do currículo da Educação Escolar Indígena e passa a ser um campo de conhecimento que vem valorizar a língua materna do povo karipuna, garantindo assim que os indígenas passem a ter conhecimento e dialogar através da língua. Segundo o PPP, o método de ensino da disciplina Língua Materna ou Língua indígena é baseada na realidade do educando tendo como referência o processo interdisciplinar que existe entre as diversas áreas do campo do conhecimento como, por exemplo: Ciências, Matemática, Física, História, Cultura Indígena, Língua Portuguesa, Química, Redação, Biologia, Literatura, Educação Física, Francês e Artes. Nesse contexto, cabe ressaltar que no ensino da Língua Materna não existe muita diferença de outras Línguas, mas, para os povos indígenas todo e qualquer tipo de simbologia tem todo um significado. Pois através da comunicação entre as pessoas acontece a construção de novos conhecimentos. Sendo que está garantido aos índios o direito ao uso e a manutenção das línguas indígenas. É diante da importância da comunicação na língua indígena e sua contribuição para fortalecer os conhecimentos tradicionais, que houve

a necessidade de a disciplina fazer parte do currículo das escolas indígenas, tanto é que a linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. Então, a Disciplina Língua Materna surge com a principal incumbência de fazer com que os indígenas da etnia Karipuna não percam o conhecimento da língua Kheul. Logo, a missão da escola é fazer com que todos os indígenas karipuna sejam falantes atuantes da língua Kheul e que futuramente todos sejam de fato considerados bilíngues.

Para além das características mencionadas, o PPP também destaca sobre Educação Indígena e Educação Escolar Indígena, diferenciando e norteando cada uma delas, partindo do conhecimento dos povos em relação aos trabalhos escolares. Que cada povo tem seu modo própria de organizar, educar no que envolve todos os aspectos sociais e político da aldeia, para manter vivos os conhecimentos tradicionais passados de geração a geração. Todos esses conhecimentos servirão de base para uma política e pratica educacional para o povo, contribuir para suas lutas nos movimentos indígenas.

Porém a escola bilíngue foi pensada desde quando surgiu o Lekol Kheul nas década de 1980, quando parou, a responsabilidade passou para as escolas Estaduais e municipais, assim desenvolvessem a atividade do bilinguismo. Pensando bem será que as escolas novas estavam preparadas para o ensino do bilíngue, a E.E.I.J.I. na época em sua docência a maioria não indígena, como poderia dar certo o ensino bilíngue se a maioria dos decentes não eram falantes da língua kheul. Nos dias atuais, na E.E.I.J.I. a sua docência são todos indígena, mais quanto ao bilinguismo, podemos observar que nas series iniciais não está dando certo, porém os professores indígenas são mais jovens e não tem domínio da língua kheul. Sendo assim, formação continuada de cursos específicos na língua kheul, voltada para produção de material didático na língua kheul.

## **CAPÍTULO III**

### **ENSINO DE LÍNGUA KHEUOL NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARRÁ**

Neste capítulo falaremos da língua kheuol segundo a análise das respostas dos questionários dos professores indígenas e quais suas perspectivas em relação a língua como fortalecimento da identidade deste povo, assim como falaremos um pouco da língua na comunidade e na escola e como esta língua está sendo falada nestes ambientes e quais são as pessoas que falam e escrevem a língua kheuol, ou seja, o nível de oralidade e escrita. Também abordaremos como a língua kheuol é ensinada segundo os professores indígenas nas series iniciais, metodologia, carga horária e seu desenvolvimento como disciplina. É por fim como a língua kheuol está sendo ensinada segundo os dados dos questionários. Também sobre a pesquisa de campo que fiz na observação na semana pedagógica e da minha experiência como docente.

Ainda convém lembrar que a língua kheuol durante muitos anos foi proibida de falar na escola, deixando marcas que existem até os dias atuais. Diante deste cenário restaram somente os mais velhos falantes da língua e algumas famílias, os mais jovens sabem a língua kheuol mais não falam diariamente. Além disso, a língua kheuol foi muita desprivilegiada com preconceitos que ela era um dialeto não uma língua, com o nome de “patuá”, como o povo não sabia nada sobre a língua kheuol, ficavam com vergonha de falar, nem ensinavam seus filhos para não ter problema com a escola. Em consequência disso, vê-se porque os jovens não dão valor para a língua kheuol e professores indígenas que não dominam a língua em sala de aula.

#### **3.1 A LÍNGUA KHEUOL NA COMUNIDADE MANGA: UMA VISÃO GLOBAL**

Durante a minha experiência e observação na última semana pedagógica na E.E.I.J.I em 2020, conversando com os professores sobre a língua kheuol, deu para observar que todos falam da importância da língua para os alunos e para a comunidade. Mais também não falam com frequência e nem falam com seus filhos, outros nem sabem falar e nem sabem escrever. Porém sabem da importância da língua kheuol para a cultura e tradição do povo karipuna, principalmente para os curandeiros e pajés da comunidade.

Além disso, embora os professores não utilizem diariamente em seu cotidiano a língua kheuol, sabem da presença da língua na crença e na cosmologia, como nos Grafismos karipuna

que são utilizados constante nos objetos de utensílios domésticos e nos artesanatos e nas pinturas corporais. Assim como os nomes dos grafismos que só existem na língua kheuol, como cantos, assopros e conversas com os seres sobrenaturais. Neste contexto os professores reconhecem a importância da língua kheuol, mais não falam a língua porque são da nova geração que na escola só ensinava e falava somente a língua portuguesa, falar a língua kheuol não era futuro para ninguém, eram palavras de professores não indígenas no nível do Ensino Médio, deixando assim a língua kheuol esquecida que quase desapareceu na comunidade Manga.

Na escola, a língua kheuol para os professores como ferramenta de trabalho é apenas como uma disciplina e vista como segunda língua, é falada apenas em sala de aula quando o professor está ensinando a língua, nos ambientes da escola não se ouve professor e aluno falando a língua para se comunicar. Nas salas de aulas, podemos também notar alguns cartazes de incentivo a língua kheuol com: as vogais orais e nasais e o alfabeto da língua. No Ensino Fundamental 1 continuam os mesmos cartazes, no Fundamental 2 e Médio os professores fazem exposição de trabalhos dos alunos escritos na língua kheuol, como: cantos, mitos, desenhos dos grafismos. Como resultado, nestas etapas a maioria dos alunos escrevia e lia na língua kheuol, e alguns falam, porque suas famílias tem a língua como materna. Vale destacar também porque a língua kheuol não chega ao E.F 1, primeiramente os professores indígenas que trabalham nesta series não dominam a língua, precisaria de professores indígenas falantes da língua para dar somente aulas de língua kheuol.

No Ensino Fundamental 2 a escola tem um olhar mais específico e de valorização para a língua, oferece a “Semana Cultural” como uma das ações para o fortalecimento da cultura e língua kheuol. Nesta semana, as aulas são voltadas para aulas práticas para a cultura na construção de objetos como: txipitxi, peneiras, balaios, cuias e pinturas corporais, na língua kheuol textos produzidos pelos alunos: histórias, mitos, cantos. A língua falada nestas aulas é a língua portuguesa, falada entre professor e alunos, até os teatros apresentados para interagir escola e comunidade são na língua portuguesa. Pudemos observar que os alunos falantes da língua kheuol também falam somente a língua portuguesa no ambiente escolar. Também é importante lembrar que os professores que ensinam na alfabetização do ensino infantil: 1º e 2º ano da pré-escola, e das series iniciais: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do fundamental 1, são professores que não falam a língua kheuol no seu dia a dia, outros nem saibam escrever a língua. Mais fazem o possível para ensinar a língua com apoio do pedagogo que também não domina a língua.

Hoje a língua kheuol na E.I.E.J.I nas series iniciais do Ensino Fundamental 1 tem duas

aulas semanais com a carga horária de cinquenta minutos, para o professor desenvolver suas atividades e ensinar a língua kheuol. Observamos que as aulas de língua kheuol é muito pouco para o professor desenvolver suas atividades, já que este professor também não domina a língua, precisaria de mais tempo para o professor e para o aluno interagir na língua em sala de aula. Para os professores não falantes precisaria de monitor ou um professor falante da língua kheuol Karipuna acompanhar as aulas de língua kheuol. A participação da comunidade é muito importante na escola, não somente nas reuniões mais também no fortalecimento da língua kheuol, principalmente nos eventos da escola como na semana cultural, a que os pais vão ensinar os alunos a produzir objetos artesanais da cultura e falam somente na língua kheuol não somente os nomes mais também todo o preparo.

Diante deste cenário podemos observar a língua kheuol do povo Karipuna da comunidade Manga na E.I.E.J.I, uma diferença muito grande em relação ao ensinamento da língua, na época do Lekol Kheuol, os monitores tiveram um curso de preparação e todos tinham a língua kheuol como língua materna. Alfabetizavam alunos falantes e não falantes da língua kheuol, os materiais didáticos eram somente na língua, estudavam também todas as disciplinas na língua, com esta metodologia de revitalização fortaleceu a língua kheuol na época para que ela não desaparecesse da comunidade. Também tinham encontros nas férias com o CIMI para falar das dificuldades encontradas em sala de aula e novos planejamentos. Entretanto, com a saída do CIMI e término do Lekol Kheuol, houve uma grande mudança não só na escola de Municipal para Estadual, assumida pelos professores não indígenas concursado pelo Estado, passaram a ensinar somente em português e novamente a língua kheuol perdeu seu prestígio para a língua portuguesa.

No ano de 1996 com a formação da primeira turma de professores indígenas, passaram assumir a escola e ao mesmo tempo reivindicando junto com as lideranças e comunidade uma Escola Indígena Específica, Diferenciada e Bilíngue, não teve muito êxito, por que os professores não indígenas eram a maioria, somente em 2006 com aprovação do Currículo Karipuna e Galibi-Marworno e formação de mais professores indígenas que assumiram a escola.

Mesmo com os professores indígenas ocupando seus lugares na escola o sistema do Estado não tinha uma pedagogia voltada para as línguas indígenas, somente para língua portuguesa, em vista a integração aos povos indígenas era bem visível um estudo monolíngue. Outro fato existente são os professores indígenas formados em esse novo regime escolar, não tem a língua kheuol como língua materna, falam e endentem algumas palavras, mas não a dominam em sala de aula. Porque será que os professores das series iniciais questionam sobre

o conhecimento sobre a língua kheuol? Porque os responsáveis da escola: Diretor e pedagogo e professores vendo este problema não resolvam junto com a SEED, já que a escola é diferenciada, ou não está no regime do seu PPP, que para ensinar a língua kheuol tem que ter a língua como materna. Todos professores indígenas das séries iniciais são formados pela Universidade Federal do Amapá- Binacional Campo Oiapoque pela Licenciatura Intercultural Indígena, áreas de Ciências Humanas. Porque que não fazem como no Ensino Fundamental 2, professores indígenas com domínio na língua kheuol e formação superior em Linguagens e Códigos e suas Tecnologias. Por outro lado, a falta de professores formados na área de conhecimentos linguagens e Códigos também é um problema nas escolas indígenas, na E.I.J.I a carência de professores nesta área é grande, com isso a língua portuguesa tem maior prestígio e desfavorece a língua kheuol na escola.

### **3.2 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL ENSINADA SEGUNDO OS PROFESSORES**

Em primeiro lugar, conforme informei na introdução desta dissertação, esta pesquisa é a partir da minha trajetória de vida e experiência como docente ao longo das últimas décadas de luta pelo fortalecimento da língua kheuol do meu povo Karipuna da comunidade manga. Como mencionei, a metodologia da pesquisa deu-se da primeira parte que foi a apresentação da pesquisa para a escola e comunidade, segunda parte, è a partir da formulação de dez perguntas do questionário, que foi baseado de acordo com os parâmetros curriculares do RCNEI e CKGM, que são documentos específicos para educação escolar indígena, apliquei sete questionários aos sete professores do ensino infantil e series iniciais do fundamental 1, recebi somente cinco questionários, outros os professores alegaram que não tinham tempo para responder. Porém recebi os questionários, li e fiz a análise. Ao analisar as dez questões do questionário dos professores indígenas da educação infantil e das séries iniciais eu pude observar a relação do ensino da língua kheuol com os professores indígenas.

Na primeira pergunta, questionamos: Você professor (a) conhece ou tem o currículo, como já vimos acima que é o Currículo Karipuna e Galibi-Marwrono e como foi construído, que é uma ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol? Quatros disseram que sim, somente um professor disse que não tem mais conhece o currículo KGM. Os quatros falaram da importância que o currículo tem para o planejamento na língua kheuol, conforme respostas a seguir, porém, o professor do 5º ano não só falou da importância para os professores do das series iniciais como também é um suporte para nortear o professor no seu

planejamento. Porém, não é só conhecer a importância do KGM, mas colocá-lo em prática, para o fortalecimento não só da língua kheuol, mas também da cultura e identidade. Na E.I.E.J.I precisa mais de ações específicas na língua kheuol voltadas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental 1, para que os alunos gostem de aprender a língua kheuol como eles gostam de aprender na língua portuguesa. Que a língua kheuol também possa fazer parte do cotidiano desses alunos. Por outro lado, o KGM não está ajudando o professor a desenvolver a competência comunicativa nas duas línguas (kheuol e português) porque esse professor indígena não sabe falar e nem escrever a língua kheuol. Vejamos como isso ocorre segundo os professores participante da pesquisa.

Professor: 01 da Educação Infantil. R: “não tenho, mais conheço.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “Sim: porque veio como meio de orientar e acompanhar os professores nas suas aulas”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “eu tenho e conheço um pouco do currículo”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “”sim”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “sim. Eu tenho a (KGM), o mesmo é muito importante para nos professores indígenas, principalmente nas séries iniciais é suporte para nortear o professor no seu planejamento”.

Analisando a primeira pergunta, podemos dizer que o professor que conhece e utiliza o currículo Indígena em seus planejamentos tem o conhecimento da importância do Currículo para a educação escolar indígena e principalmente para as línguas indígenas aplicadas nas escolas indígenas. Ao fazemos esta pergunta sobre o CKGM é porque ele foi construído pelos professores e lideranças indígenas das etnias da região do município de Oiapoque em exceto a etnia Palikur, sem isenção todos professores indígenas têm conhecimento do CKGM, a importância dele não somente para as aulas de língua kheuol mas para a metodologia de todas as disciplinas ensinadas na escola.

Quanto à segunda pergunta, perguntamos: Você professor (a) conhece ou tem o Referencial Curricular Nacional para as escolas Indígenas (RCNEI) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol. Ao fazermos esta pergunta sobre o RCNEI o consideramos ferramenta que foi construído pelo MEC com apoio de professores e lideranças indígenas de algumas etnias do país, foram distribuídas para todas as escolas indígenas como subsídio e apoio aos professores indígenas. A importância do RCNEI para as escolas indígenas é a metodologia e informação que ele transmite é bem visível, Leis, Diretrizes,

Fundamentos Gerais sobre educação escolar indígena, Orientações pedagógicas para a orientação Curricular e como trabalhar todas as disciplinas na escola indígena. O professor que tem conhecimento do RCNEI e o utiliza como subsídio não encontrara dificuldade em desenvolver suas aulas em qualquer disciplina. As respostas dadas à pergunta 2 são as seguintes:

Professor: 01 da Educação Infantil. R: “sim conheço”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “Sim: O RCNEI é uma ferramenta de estudo e planejamento na língua kheuol”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “eu tenho o RCNEI como ferramenta”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “sim”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Eu conheço o Referencial Curricular Nacional. É de suma importância para todas as escolas, e nas escolas indígenas é de fundamental importância para os professores que não tem domínio da língua kheuol”.

Todos os professores responderam que sim, novamente o professor do 5º ano falou da importância do RCNEI para as escolas indígenas e principalmente para aqueles que não têm domínio na língua kheuol. Analisando esta pergunta, podemos dizer que não foi um “sim” de conhecimento profundo do RCNEI principalmente no item que se trata das línguas. Neste item que se trata das línguas o RCNEI aborda porque estudar línguas nas escolas indígenas, diversidade linguística no Brasil, o multilinguismo e os povos indígenas, Línguas no Currículo: o que aprender o que ensinar, o ensino das línguas e Avaliação. Também ensina como planejar aulas em línguas indígenas e língua portuguesa, sim ele é somente uma ferramenta de apoio para o professor, o professor tem que ser um professor pesquisador e dinâmico em busca de formação continuada para melhorar seus conhecimentos como educador.

Segundo o KGM, os professores precisam ser livre e flexíveis em seu planos para aproveitar oportunidade para um aprendizado prático e concreto (ex: caçador que chega e abre a caça para ver os sistemas e partes internas do corpo), utilizando objetos e exemplos reais do cotidiano dos alunos. A interdisciplinaridade como método de ensino respeitando a maneira que o povo vê e interpreta o mundo e passa conhecimento relacionando-os entre si. São pensamentos que os povos karipuna e Galibi-marworno colocam para suas escolas e que os professores indígenas devem desenvolver novas maneiras de adquirir, expressar e criar conhecimentos para ensinar seus alunos.

Na terceira pergunta, perguntamos: Você usa o Currículo KGM e o RCNEI para planejar suas aulas? Esta pergunta é bem pertinente, porque observando na semana pedagógica os professores em seus planejamentos não tinham o CKGM e RCNEI como ferramenta de apoio, somente livros do MEC, perguntei ao Diretor e Pedagogo da escola sobre estes livros

específicos de apoio para os professores, responderam que não têm. Podemos imaginar como esses professores trabalham sem apoio desses materiais didáticos específicos. Vejamos as respostas dadas pelos professores participantes da pesquisa:

Professor: 01 da educação infantil. R: “ não tenho, mais conheço.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “Sim: porque veio como meio de orientar e acompanhar os professores nas suas aulas”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “eu tenho e conheço um pouco do currículo”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “”sim”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “sim. Eu tenho a (KGM), o mesmo é muito importante para nos professores indígenas, principalmente nas séries iniciais é suporte para nortear o professor no seu planejamento”.

Quatro responderam que sim, um respondeu algumas vezes. Mais uma vez o professor do 5º ano respondeu com firmeza que tem conhecimento sobre o CKGM e o RCNEI. Analisando está pergunta podemos dizer que o professor indígena tem que conhecer essas ferramentas de subsídios para junto com outros materiais didáticas ter um norte de conteúdos para dar uma boa aula seja na língua indígena ou língua portuguesa. Além disso essas ferramentas de apoio como CKGM e RCNEI foram produzidos de acordo com as demandas das escolas, etnias indígenas por uma Educação Intercultural, Comunitária, Específica e Diferenciada, que são características da escola indígena. Durante todos esses anos de experiência como docente desta escola, nunca houve um treinamento para professor usar esta ferramenta ou falar da importância deles para a educação escolar indígena.

Quanto à quarta pergunta, perguntamos: Você professor (A) tem dificuldade de utilizar a gramática de língua kheuol em seu planejamento? Quais? Esta pergunta é sobre a Gramática Pedagógica Experimental da Língua Kheuol produzida pelo CIMI, é a ferramenta que mais se vê nos planejamentos dos professores de língua kheuol, ao perguntar sobre a dificuldade do professor a utilizá-la, é porque na gramática tem somente as vogais, alfabeto, aspectos fonológicos de algumas palavras, morfossintaxe e sintaxe com exemplo de algumas palavras. Neste caso o professor tem que apoio de outros subsídios para formular sua aula na língua kheuol.

Professor: 01 da educação infantil. R: “Não”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “Sim: Tenho poucas dificuldades na escrita

principalmente nas palavras difícil”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “Não”. Professor: 3º ano ensino regular. R: “”Não”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Eu tenho um pouco de dificuldade de utilizar a gramática fala de um jeito e escrito diferente na gramática”.

Nesta pergunta, três professores responderam que não tem dificuldade no uso da gramática da língua kheuol, dois disseram que tem dificuldade na escrita. Analisando as respostas desta pergunta, podemos observar que a língua kheuol parece que não tem muita importância para alguns devido não ter domínio na oralidade e na escrita da língua e principalmente a falta de material didático na língua.

Na quinta pergunta, perguntamos: Quais materiais você professor (a) usa para suas aulas de língua kheuol? Nesta pergunta sobre materiais didáticos da língua kheuol é porque existem outros materiais produzidos pelo CIMI na língua, como o livro “LIDE PU MÕTHE TXIMUN LÃDÃ NO LANG KHEUOL”, é um livro de orientação para os professores, ou seja, um plano de curso, muito bom para as séries iniciais, que não é utilizado mais como ferramenta para as aulas de língua kheuol, nem existe mais na E.I.E.J.I, somente no CIMI, consegui na minha pesquisa realizada no CIMI em Belém. Professor: 01 da educação infantil. R: “livros de histórias, livros de músicas, cartilhas com desenhos, jogos, pinturas e alguns objetos que fazem parte de nossa cultura”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “Os materiais que é usado são: minidicionário a gramática kheuol e alguns livros”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “A gramática e eu produz meu material”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “Uso pequena cartilha ou livro produzido pelo CIMI”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Diversos materiais com: A própria gramática, cartilhas e outros materiais que é importante para dar uma aula”.

Nesta pergunta os professores responderam que usam os materiais didáticos como a gramática da língua e as cartilhas produzidas pelo CIMI, somente um professor respondeu que faz seu próprio material. Atualmente os materiais produzidos pelo CIMI não se encontram mais nas escolas karipuna, assim como na E.I.E.J.I, quando o CIMI era atuante nas comunidades karipuna todo início do ano letivo esses materiais didáticos chegavam para todas as escolas karipuna. No caso de criar seu próprio material didático é mais fácil para os professores falantes

e com domínio na escrita da língua kheuol. A semana pedagógica na escola é para produzir material didático para cada série, é muito importante esse material porque o professor indígena tem segurança em dar sua aula, seja em kheuol ou português, a escola tem que dar apoio com outros materiais de suporte, trabalhar na língua kheuol precisa de muito material principalmente na alfabetização.

A sexta pergunta era: Você participou de algum curso sobre o ensino da língua kheuol? Quanto a esta pergunta de participação de curso sobre a língua kheuol, porque os cursos sobre a língua kheuol era o CIMI que ofertava para formação dos professores indígenas, os professores atuais são mais jovens formados pelo magistério indígena sem formação específica na língua kheuol. As respostas foram as seguintes:

Professor: 01 da educação infantil. R: “Nenhum (nunca participei) ”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “Não: participei do curso na língua kheuol”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “Só de algumas oficinas”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “Sim”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Lembro que participei de uma oficina de língua kheuol aqui mesmo na Escola Indígena Jorge Iaparrá ministrada pelos Acadêmicos da Intercultural”.

Nesta pergunta somente dois professores não participaram de nenhum curso ou oficina sobre a língua kheuol, mesmo assim trabalham com a língua. Desde quando o CIMI se afastou da educação indígena, não houve mais nenhum curso, oficina ou treinamento para língua kheuol. Assim também na formação de professores indígenas na Licenciatura Intercultural Indígena sem especialização nas línguas indígenas. Neste caso necessita com urgência cursos com formação na língua kheuol. Por outro lado, o curso específico na língua kheuol, poderia ser ofertado pela própria escola no caso

E.I.E.J.I ou pela Universidade Federal pelos Professores indígenas formados, porque ensinar a língua kheuol não é só saber falar, mas sim ter conhecimento linguístico e formação na língua, igualmente como em português.

Na sétima pergunta, perguntamos: Quais ações você faz em suas aulas das series iniciais para trabalhar a oralidade e a escrita em kheuol? Esta pergunta foi pertinente porque como docente da E.I.E.J.I observei algumas aulas de língua kheuol no 1º e 2º período e 1º ao 3º ano da alfabetização do Ensino Fundamental 1, o professor não tem diálogo na língua com o aluno, mais leitura das vogais e consoantes, as vezes uma musiquinha, para a Educação Infantil e na

Educação Fundamental 1, leitura das vogais e consoantes e a exposição das famílias silábicas. Na semana cultural da escola essas series nem apresentam trabalhos na língua kheuol.

Professor: 01 da educação infantil. R: “Conversa informal, brincadeiras envolvendo cantigas de rodas e a leitura”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “As ações para trabalhar são os diálogos, ditado, contação de histórias na língua”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “Trabalho música em kheuol e com desenho”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “conversa ou diálogo com os alunos fazendo leitura de história e mito”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Eu penso que nós professores temos que desenvolver estratégia como essas, quando incorporadas ao cotidiano da sala de aula, também facilitar o desenvolvimento, no aluno em qualquer segmento”.

Quanto à está pergunta os professores responderam que fazem ações de diálogos, contam histórias, músicas, leitura, mas em nenhum momento citam uma ação de fortalecimento a língua kheuol. Nas series iniciais poderiam mudar desde a metodologia até as ações ditas pelos professores indígenas, tais como as ações que eles fazem junto com seu planejamento, sem orientação. Mais também poderiam fazer outras atividades como por exemplo: em sala de aula deveria falar somente em língua kheuol, porque existe alunos em sala que são falante da língua e pedir auxílio a estes alunos para ajudar na aula, mesmo na educação infantil; Pedir para os alunos contar histórias do seu cotidiano para o professor escrever e ler para a turma ouvir e comentar; Construir materiais como: jogos com nome de animais, árvores objetos utilizados em casa, roça, peixes, plantas, assim também com dominó, cartela silábica das vogais e consoantes envolvendo as famílias silábicas; Com alunos do 4º e 5º ano produção de textos envolvendo músicas, poesias, pesquisa de campo sobre as plantas medicinais, frutas da região, mapa da aldeia e nome de ruas, tipos de peixes e para finalizar uma exposição de todos os materiais produzidos no qual eles iriam explicar para o público escolar e da comunidade, para valorização e fortalecimento da língua kheuol.

Na oitava pergunta, perguntamos: Em sua opinião, o que pode melhorado na escola para melhor ensinar a oralidade e a escrita em kheuol? Esta pergunta foi para que o professor discorresse sobre metodologias de ensino, como a escola poderia ajudar na construção de novos materiais didáticos, que a equipe pedagógica da escola tivesse um olhar específico para as series iniciais pelo menos um professor falante da língua kheuol para auxiliar nas series iniciais.

Professor: 01 da educação infantil. R: “O material didático deverá ser específico para cada turma (ciclo)”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “É que a escola deveria disponibilizar mais materiais na língua kheuol, promover eventos direcionados a língua”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “Na minha opinião tem que ter professor (a) de kheuol pra trabalhar só kheuol”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “tem cursos da língua kheuol e mais materiais didáticos”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Estimular o aluno em sala de aula. Solicitar o mesmo que leia bastante e promover em suas aulas bastante apresentação voltado para a língua kheuol”.

Nesta pergunta o questionamento foi mais sobre a falta de material específico na língua. Por fim, a escola não oferece apoio com material didático e nem com professores com formação específica na língua kheuol. Neste cenário escolar os alunos ficam desanimados e sem estímulo para aprender a língua, o professor por sua vez desenvolve suas atividades de aprendizado mais na língua portuguesa, deixando de lado a língua kheuol, porque para a escola a língua kheuol é somente uma disciplina como uma outra qualquer. Sem o apoio da comunidade e escola o professor não vê a língua como a identidade do povo karipuna da comunidade Manga que precisa ser preservada, fortalecida para as futuras gerações.

Na nona pergunta, perguntamos: Em sua opinião professor (a), qual o desafio maior para que aos alunos saíam do ensino infantil até o 5º ano do fundamental falando e escrevendo a língua kheuol? Nesta pergunta foi para que os professores falassem das dificuldades no aprendizado dos alunos e como a equipe escolar e pedagógica poderiam ajudar para que os alunos saíssem destas series falando pelo menos as palavras mais utilizadas no cotidiano da comunidade.

Professor: 01 da educação infantil. R: “O desafio maior é a dificuldade de se expressar na língua kheuol já que a maioria é falante da língua portuguesa ”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “O desafio maior é a falta de interesse, atenção e compreensão de cada aluno na escola”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “o desafio maior é a oralidade”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “O desafio maior e que a só a escola trabalhando a língua kheuol e a comunidade não, porque as famílias na prática a língua indígena”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “É um desafio bastante complexo. Porque nem todos professores nessas series iniciais tem facilidade de trabalhar a língua kheuol é uma pergunta bastante pertinente”.

Ao analisar as respostas, o aprendizado da oralidade dos alunos é um desafio maior e preocupante, porque, como o aluno vai aprender a língua, se o professor não é falante da língua, o pedagogo e direção da escola também não são falantes da língua kheuol. A comunidade escolar sabedora deste problema, não tenta resolver por falta de docentes na escola, também existem na comunidade famílias que não falam a língua com seus filhos, são problemas que poderiam ser discutidos escola e comunidade para fortalecer a língua kheuol. Essas respostas deixam claro, portanto, a necessidade de envolvimento da escola e da comunidade com o ensino da língua indígena.

Na décima pergunta, perguntamos: Como professor (a), como ver as atitudes das lideranças e comunidade local sobre o ensino de língua kheuol na escola? Esta pergunta era para o professor analisar a relação da escola com a comunidade em relação a língua kheuol, já que a educação escolar é também responsabilidade da comunidade, quando se refere a educação intercultural, comunitária, específica e diferenciada.

Professor: 01 da educação infantil. R: “Vejo como propósito de fortalecer e valorizar a língua ”.

Professor: 1º ano ensino regular. R: “As lideranças juntamente com a comunidade estão sempre acompanhando e apoiando o ensino da língua kheuol na escola”.

Professor: 2º ano ensino regular. R: “No ponto de vista a comunidade não está ajudando muito só é a escola”.

Professor: 3º ano ensino regular. R: “As lideranças sempre participam das reuniões da escola com preocupação de valorização da língua kheuol”.

Professor: 5º ano ensino regular. R: “Eu na posição de professor desta comunidade, penso que as lideranças locais deveriam apoiar mais os professores na escola, fazendo cumprir as normas e valorizar a língua kheuol nas escolas indígenas”.

Analisando as respostas, podemos observar alguns professores falando que as lideranças apoiam a escola com participação nas reuniões, com valorização a língua, assim também como as lideranças não ajudam a escola. As lideranças são o poder maior da comunidade, são eles (cacique e conselheiros), como diz o professor do 5º ano, que deveriam apoiar e fazer valer as

normas na valorização da língua kheuol. Mais uma vez como docente da E.I.E.J.I, em toda minha experiência, nunca houve uma reunião para se tratar somente da situação da língua kheuol na escola e comunidade. Por outro lado, as lideranças poderiam cobrar sim, mais dos responsáveis da escola, porque a escola é da comunidade, e a língua kheuol é o meio de fortalecimento da cultura e tradição do povo karipuna da comunidade Manga.

Analisando no modo geral as respostas dos professores podemos dizer que é muito interessante observar cada resposta e como a língua kheuol é tratada na escola. No primeiro momento podemos ver a insegurança e a dificuldade de cada um, mais ao mesmo tempo mostrando que está tudo bem no ensinamento da língua kheuol. Será porque os professores indígenas destas séries alegam que não participaram de nenhum curso da língua kheuol, outros falaram que participaram de algumas oficinas, porém podemos dizer que estes professores não têm domínio da língua kheuol, em sala de aula, porque esses professores estão trabalhando nas series iniciais. Esses ensinamentos da cultura através da língua kheuol são importantes para a formação desses alunos principalmente nas series iniciais, mesmo a língua kheuol como segunda língua, já que estes alunos são falantes da língua portuguesa. O conhecimento da língua kheuol para esses alunos, segundo o Currículo KGM, deve contribuir com a formação de cidadãos críticos e defensores de sua cultura e de sua identidade karipuna.

Levando em conta a preocupação de alguns professores indígenas da comunidade Manga ao responder o questionário, “que deveria ter professores somente para trabalhar na língua kheuol”, porque será que a escola observando esta lacuna de aprendizagem da língua kheuol, não assegurou em seu PPP professores formados e falantes da língua kheuol? Por outro lado, a escola trabalha a língua kheuol no Ensino Fundamental 2 com professores que tem a língua kheuol como materna, e formados pela Licenciatura Intercultural Indígena em Linguagem e Códigos e suas tecnologias, porque que não faz assim com as séries iniciais que são a base de conhecimento para a formação dos alunos para futuros linguísticos?

A equipe pedagógica junto a direção da escola poderia colocar dois professores falante da língua para trabalhar com as series iniciais quando for as aulas de língua kheuol. Esta situação deveria estar amparada no PPP da escola, explicando não somente mais a necessidade para estas series, mais como também a importância da língua para o povo. Por outro lado, a secretaria de educação SEED/AP não atente a necessidade da escola, alegando que tem muito professor na escola, também a secretaria não conhece a realidade de cada escola indígena, que vai desde o espaço físico a diversidade cultural.

Outro desafio é a oralidade, como pode um aluno ter dificuldade de falar a língua kheuol se o professor não é falante da língua, quem será que tem a maior dificuldade de aprender a

língua, o professor ou o aluno? Perante está dificuldade, mais difícil é o aprendizado do aluno, quando a aula não é interessante, os alunos mostram desinteresse em aprender a língua. A direção da escola junto ao pedagogo observando este problema já deveria ter um projeto volta para a língua kheuol. Os professores indígenas falantes ou não falantes da língua indígena têm o dever de conhecer os fundamentos linguísticos de sua língua indígena, que é sua história, principio e a relação da língua com a comunidade, com os animais e com os seres sobre naturais e tudo que envolve seu cotidiano, valoriza-la, para ensinar aos seus alunos os valores culturais e tradicionais em especial sua língua kheuol, na formação de vida, intelectual e social.

Quanto às lideranças da comunidade Manga o que têm feito pela L.K. deveriam ter feito mais, ou cobrar mais dos responsáveis da escola, já que a escola tem um grupo de organizadores com: diretor, pedagogo, professores, secretário, todos indígenas desta comunidade, que poderia melhorar no ensino da língua kheuol em sala de aula, ou como poderiam trabalhar juntos no desenvolvimento da língua na escola e na comunidade. Será que existe um diálogo entre escola e comunidade, a respeito da língua kheuol. Que se diz patrimônio cultural dos karipuna. As lideranças poderiam cobrar das famílias que também ensinassem seus filhos em casa, cobrar que a língua kheuol deveria estar presente em todos movimentos da comunidade, assim como nas religiões existente na comunidade. A E.I.E.J.I perante a lei é uma escola registrada no MEC e com portaria para certificar alunos do Ensino Fundamental e Médio, com capacidade de oferta cursos na língua kheuol para professores indígenas pelo NEI (Núcleo de Educação Indígena-SEED). Além disso, as lideranças e comunidades junto à escola têm lutado para melhorar este cenário no que se encontra hoje a educação escolar indígena. A escola E.I.E.J.I junto ao seu PPP tem direito de ter professores específicos para ensinar na língua kheuol, talvez as lideranças desta comunidade e direção da escola não sabem o quanto o PPP de uma escola é importante para lutar em prol de seus direitos educacionais. O professor que fala a língua portuguesa na aula de língua kheuol em forma de tradução, tem o direito de participar de capacitação específica na língua kheuol, para que possa desenvolver seu trabalho com segurança ensinar a língua kheuol adequadamente. Como tem feito seu ensinamento, o professor está desprestigiando a língua kheuol diante da língua portuguesa, dando ênfase ao aluno a gostar e prestigiar a língua portuguesa, tirando dele seu direito de aprendizado em uma escola Intercultural, especifica, diferenciada e bilíngue.

### **3.3 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL ENSINADA SEGUNDO OS DADOS DO QUESTIONÁRIO APÓS SUA ANÁLISE**

Primeiramente a língua ensinada na E.I.E.J.I é a língua portuguesa, a língua kheuol está na escola como segunda língua, a língua materna dos jovens e das crianças e da maioria dos professores indígenas é a língua portuguesa, é bom lembrar que nesta escola também estudam alunos que tem a língua kheuol como materna. A língua kheuol é ensinada desde do Ensino Infantil, com a introdução de musicinhas e brincadeiras na oralidade, apenas com duas aulas semanais, este ensinamento é somente em sala de aula, a escola não oferece suporte específico para aulas da língua kheuol, como por exemplo: livros de histórias sobre os mitos e lendas para as crianças interagir entre si; materiais didático como jogos na língua; professor específico para auxiliar aulas na língua; aulas práticas como teatro dos mitos e lendas na língua kheuol.

Os professores indígenas da E.I.E.J.I. em algumas respostas sentem preocupados com o ensino da língua kheuol na escola, a falta de apoio, de incentivo até mesmo das lideranças e comunidade, também são fatores que ajudam na desvalorização da língua kheuol diante da língua portuguesa.

### **3.3.1 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Neste ciclo de acordo com o CKGM das escolas indígenas da região da Terra Indígena Uaçá, que corresponde aos primeiros momentos da alfabetização até a segunda série (1º ano) do Ensino Fundamental 1, o objetivo deste ciclo é a alfabetização na língua materna e aprendizagem na segunda língua. Com apoio das cartilhas na língua os professores ensinam no 1º ano introdução das vogais orais e nasais e alfabeto da língua com exemplos: kana e kaimã, acompanhados de musicinhas e brincadeiras, atividade de coordenação motora com as letras.

No ensino do 2º ano continuação do alfabeto da língua e das famílias silábicas, leitura de palavras com nomes de animais, frutas e objetos utilizados no cotidiano das famílias. Exemplo: Batxi; BA, BE, BI, BO, BU E TXA, TXE, TXI, TXO, TXU. Atividade com formação de novas palavras e leitura. Também neste ciclo é somente a introdução da fonética da língua para esses alunos a escola não oferece outras atividades na língua kheuol, como mencionei acima na educação infantil, estudam apenas em sala de aula.

### **3.3.2 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL NO SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Neste ciclo que vai da 3ª série a 6ª série que hoje são 4º ano até o 6ºano do Ensino

Fundamental 1, segundo o CKGM é aprimorar as habilidades dos alunos na escrita e na oralidade nas duas línguas. No ensino do 3º e 4º ano continuam com introdução das famílias silábicas, atividades de formação de novas palavras, leitura, pintura de desenhos com animais da floresta com nomes na língua. Introdução dos números naturais de 0 a 20, leitura oral. No ensino 5º e 6º ano leitura e produção de pequenos textos, dos mitos e lendas da comunidade para estudo dos Substantivos, Número, Grau, Gênero e palavras com as vogais adjacentes a “n”, “m”, “ng”, que são levemente nasalizadas. Exemplo: palavras com terminações com sufixos (-la), tximun-la, para o singular (a criança), (-iela), tximun-ielá para o plural (as crianças), e o prefixo (txi-), txipuasõ (peixinho) para o diminutivo. Nomes próprios com nomes de lugares e pessoas Ex: kuripi (curipi) e comum: ju (junho), no coletivo: mun (gente). Segundo a língua kheuol não existe gênero para as coisas. Ex: o sexo das pessoas e animais usa-se as palavras: úom (homem) para indicar o sexo masculino; fam (mulher) para indicar o sexo feminino; no caso dos animais usa-se: mal (macho) e fimel (fêmea). Para as vogais adjacentes Ex: tan (tia), mang (manga), plim (pena).

### **3.3.3 A NATUREZA DA LÍNGUA KHEUOL NO TERCEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Neste ciclo que é da 7ª e 8ª série que são 8º e 9º ano do Ensino Fundamental 1, habilidades na escrita e oralidade e aprofundamentos sobre aspectos culturais e tradicionais da comunidade, conhecimento da morfossintaxe e sintaxe da gramática da língua kheuol. As atividades voltadas para produção textual com novas histórias contadas no contexto social, apresentação do conteúdo de acordo com plano de curso baseado na gramática da língua kheuol. Este ensinamento baseado na gramática, não tem uma divisão por série, o professor que irá pesquisar de acordo com sua série. Assim o material didático da língua kheuol produzido pelo CIMI.

O professor responsável em ensinar a língua kheuol tem que produzir seu próprio material com apoio destes já feitos na língua. O professor que não escreve e nem fala a língua tem muita dificuldade de planejar sua aula na língua kheuol. Também é necessário observar sobre o conhecimento dos professores em relação aos materiais didáticos de apoio, têm dificuldade com a falta de material na língua kheuol.

O professor indígena também cria seu próprio material didático quando tem apoio da escola, cartazes envolvendo seu conteúdo, mural com aviso todos na língua kheuol, o mais importante quando o professor cria seu próprio material didático desde seu plano de curso até

ao planejamento de aula, ele passa a valorizar a língua e dar sua aula com segurança, principalmente na oralidade. Além disso, o professor indígena é um professor pesquisador, dinâmico e tem capacidade de planejar suas aulas nas duas línguas kheuol e português.

### **3.3.4 O PROFESSOR E A NECESSIDADE DE MD**

Os resultados da pesquisa que indicam a necessidade de produção de mais MD em língua kheuol para a escola devem ser considerados pela E.I.E.J.I. Mas como tornar essa produção possível para melhorar a metodologia de ensino mais também na valorização da língua kheuol. O material didático produzido pelos professores e escola que são os planos de curso na seleção de conteúdos para cada série ou ciclo, o plano de aula de acordo com o conteúdo e materiais de suportes para esta aula. Em relação a língua kheuol aulas seriam planejadas por temas transversais: Terra e conservação da biodiversidade, Auto sustentação, Direitos lutas e movimentos, Ética, Pluralidade Cultural e Saúde e Educação, as aulas seriam interdisciplinares, talvez seja isso mais um problema a dificuldade de o professor trabalhar a interdisciplinaridade das disciplinas, porém o professor criar seu próprio material didático lhe dá segurança na oralidade e na escrita durante a aula de kheuol.

O professor que fala e escreve a língua kheuol produz seu material todo na língua, já o professor que não fala e nem escreve a língua produz seu material em português, com palavras em português e como se fala em kheuol, exemplo: canoa (português); kanu (kheuol). Por toda a minha experiência docente sempre produzi meu material na língua kheuol, quando atuava nas series iniciais, desde os livros de histórias dos mitos e lendas da comunidade, como também planejava as aulas das histórias contada pelos alunos do seu cotidiano. Segundo o CKGM, as aulas ensinadas para o aluno indígena, seja em qualquer língua que for, tem que partir da realidade do aluno, depois conhecer a nível global, interagindo no mundo da interculturalidade, ser um aluno crítico e defensor da sua própria cultura. Aqui está exposto uma aula produzida por um professor que fala a língua kheuol e escreve, plano de aula do 1º ano da série inicial na língua kheuol. Porém são produzidos por mim quando atuava nas séries iniciais.

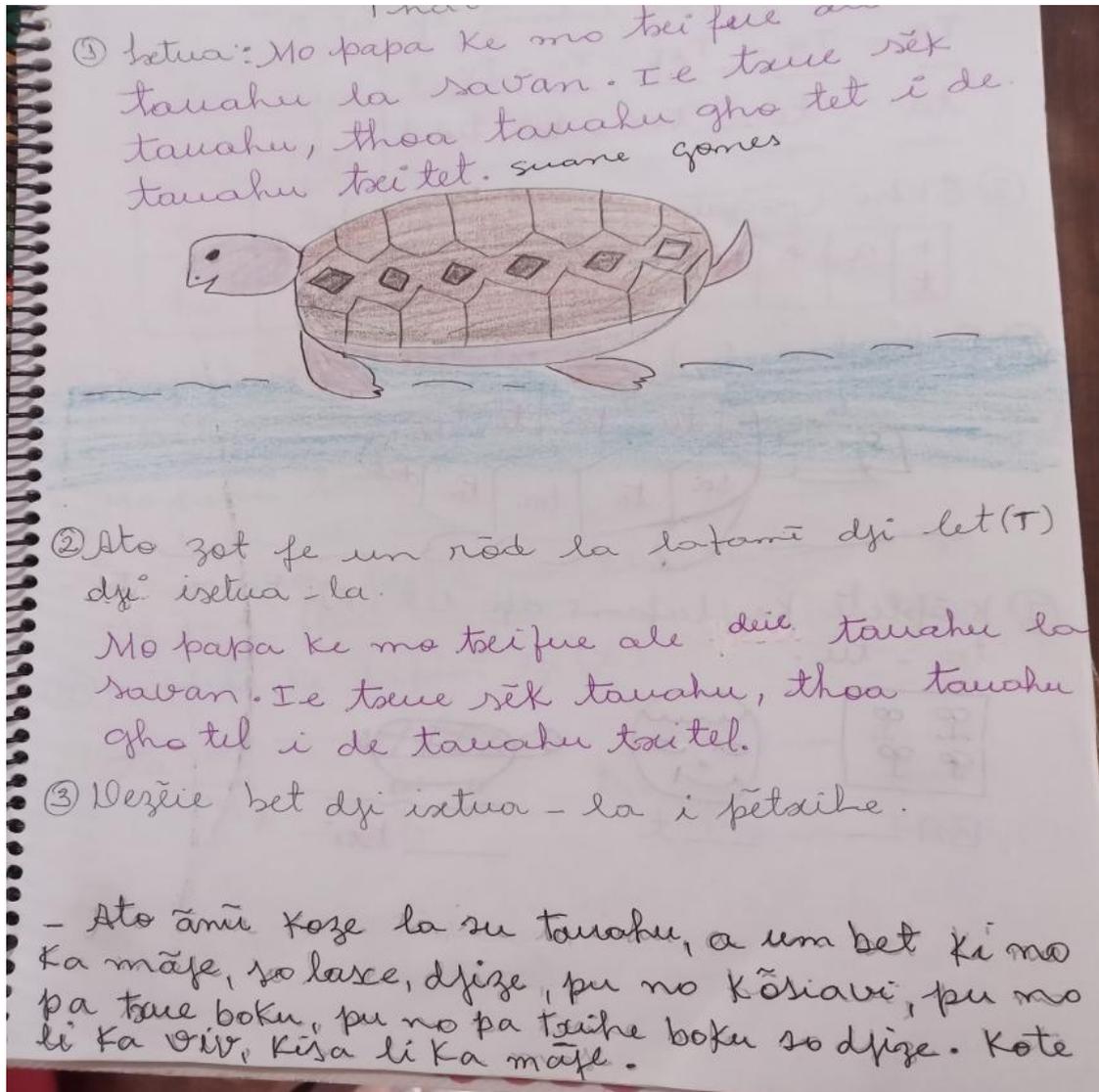
Aula interdisciplinar; tema transversal: Terra e conservação da biodiversidade Estas atividades são para os alunos do 3º período da educação infantil que hoje é a série 1ºano do fundamental 1. Nesta época trabalhava dois professores nesta série, um de língua kheuol e outro de português, neste caso era quando o professor de língua portuguesa não entendia a língua kheuol, nesta turma trabalhava as professoras Maria Sônia Aniká e Nara Aniká. Na foto 04, a primeira atividade era a leitura do texto para a turma e o debate sobre o texto da autora, ela era

o ajudante do dia, para falar sobre seu texto, antes da atividade escrita o professor falava sobre a preservação do animal, onde ele vive e do que se alimenta. As atividades das fotos de 05 a 09 eram desenvolvidas aos poucos pelos alunos com apoio dos professores durante uma semana de acordo com o aprendizado dos alunos. Porque além das atividades tinha o passeio na comunidade para observar os animais e também as brincadeiras e cantos na língua kheuol.

Estes trabalhos que estão nas fotos abaixo são para mostrar como eram planejadas as aulas de língua kheuol, quando foi a implantação do currículo KGM nas escolas indígenas da região do Uaçá. Os conteúdos interdisciplinares eram elaborados entre os professores da Educação Infantil e Fundamental 1, eram sempre dois professores, um da língua kheuol outro de língua portuguesa, as aulas eram dadas de acordo com CKGM, passeio pela comunidade, pesquisa de campo, produção textual a partir da realidade do aluno ex; sobre tipos de receitas medicinais, comidas típicas, tipos de animais, tipos de plantas, mitos e histórias.

Este método de ensino tinha o objetivo de alfabetizar todos os alunos nas duas línguas (kheuol e português), foi uma experiência que deu certo, pois os alunos desta turma até hoje falam e escrevem as duas línguas, os que fizeram a Licenciatura Intercultural Indígena os professores dizem que mais se destacam nos trabalhos e nas notas. Os professores que não participaram da construção do CKGM e nem de uma orientação, não vão saber da impotência do CKGM no planejamento escolar. O professor que escreve e fala a língua kheuol cria seu próprio material didático, com apoio da gramática e outros materiais escrito na língua kheuol.

**Foto 4 - Lição História: meu pai com meu irmãozinho foram pegar tracajá no campo**



Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká. 2021

Na foto 04 a aula começa com a história do aluno. História: meu pai com meu irmãozinho foram pegar tracajá no campo. Eles pegaram cinco tracajás, três tracajás cabeça grande e duas tracajás cabeça pequena. Segundo fazer um círculo na família silábica do T. Terceiro desenhar um tracajá e pintar. Último parágrafo conversa informal com os alunos sobre a tracajá, como ela serve de alimento e não somente da carne mais também de seus ovos, para nos preservamos, não matar muito sem necessidade, a tracajá e seus ovos, onde ela vive e o que ela come.

Foto 5 - Atividade famílias silábicas e conversa informal

④ Anũ li i ekhi lafamũ dji let T.

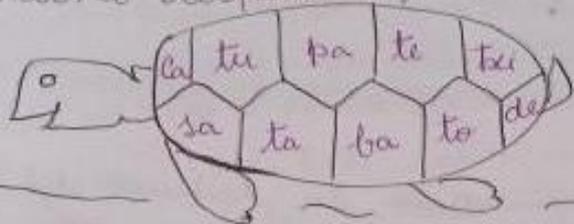
TA - TE - TXE - TO - TU

ta - te - txe - to - tu

⑤ Ekhi vogal - iela ke let (T.).

+	a	e	x	o	u
t					

⑥ Pẽtzihe lafamũ dji let (t.).



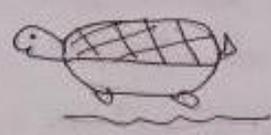
⑦ Kõplete ke lafamũ dji let (T) - ta - te - txe - to - tu.

g	g
g	g

BA -



- t



- txe

Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká, 2021

Na foto abaixo temos atividades com leitura e escrita da família silábica do T. Além disso, vemos atividades envolvendo a matemática, construção de palavras; completar o texto com palavras do quadro.

**Foto 6 - Atividade língua Kheul e Matemática**

⑧ Anũ fe Kumã thavai - la ka mätte.

1 ta	2 ua	1 + 2 taua	3 + 8
3 ku	4 tai	1 + 2 + 7	5 + 1
5 ba	6 tu	8 + 4	3 + 4
7 hu	8 to	5 + 4	3 + 7

⑨ Kõplete ke pahol - iela  
pihai aqutxi - iam - Kumari

Mo papa tene un \_\_\_\_\_  
Mo papa ale pesse di hale un \_\_\_\_\_  
Mo mamã taihe un khukhu \_\_\_\_\_  
Mo fue fisee un \_\_\_\_\_

⑩ Kõplete ke hafamã dji (t)

ta	→	—	mahu			
	→	—	tu	tai	→	gasõ
	→	—	lo		→	fam
					→	kat

Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká, 2021

Foto 7 - Atividade separação silábica

① Sepahe pahol - iela.

totai      tauahu      Batai

② Make ke en (x).

a) tauahu ki pi gho

b) Tauahu ki pi pitsi.

c) Kōbil tauahu gho tet gāiē la istua - la.  
 5     6     3

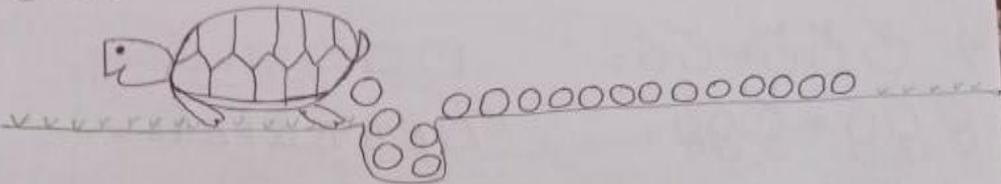
d) Kōbil tauahu txi tet gāiē la istua - la.  
 3     4     2

Fonte: Acervo pessoal Sonia Aniká, 2021

Na foto 07 envolve atividades de separação de sílabas; marca com um X a traçaja maior e a menor; leitura do texto do traçaja e marca a quantidade de traçajas ditas no texto.

Foto 8 - Atividades de Matemática para estudar dúzia

③ Ato ānū né kōbie djize tauahu - la por.



a) Kōbie djize tauahu - la por \_\_\_\_\_  
 b) Kōbie sa un duzen \_\_\_\_\_  
 c) Kōbie sa un djime duzen \_\_\_\_\_  
 d) Ēbe kōbie duzen tauahu - la por \_\_\_\_\_

④ Ato ānū li lemeho - iela dji 0 a 50.

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9  
 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19  
 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29  
 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39  
 40 - 41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49  
 50 - 51 - 52 - 53 - 54 - 55 - 56 - 57 - 58 - 59

⑤ Kōplete lemeho - iela ki ka māke.

0 —, — 3 —, — 5 — 7 —, —, 10 —, —  
 13 —, —, —, 17, —, — 20.

Fonte: Acervo pessoal Sonia Aniká, 2021.

Na foto 08, atividades de matemática para estudar dúzia; leitura de números naturais até 50. Na foto seguinte (Foto 09), atividades de adição e de subtração.

Foto 9 - Atividade Matemática

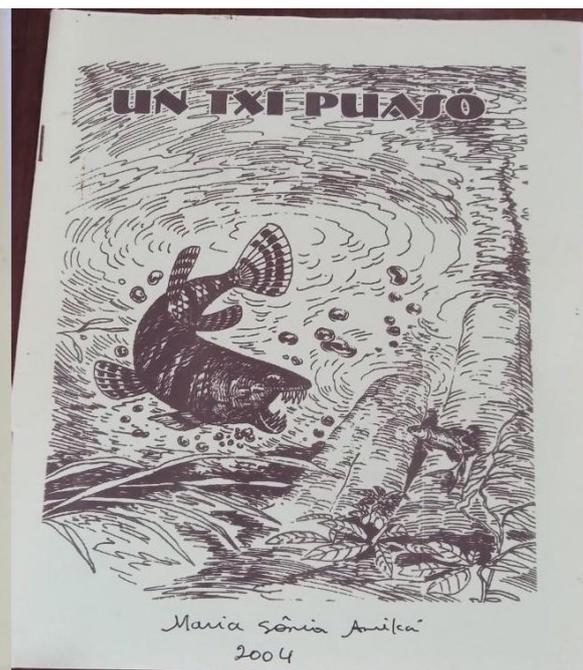
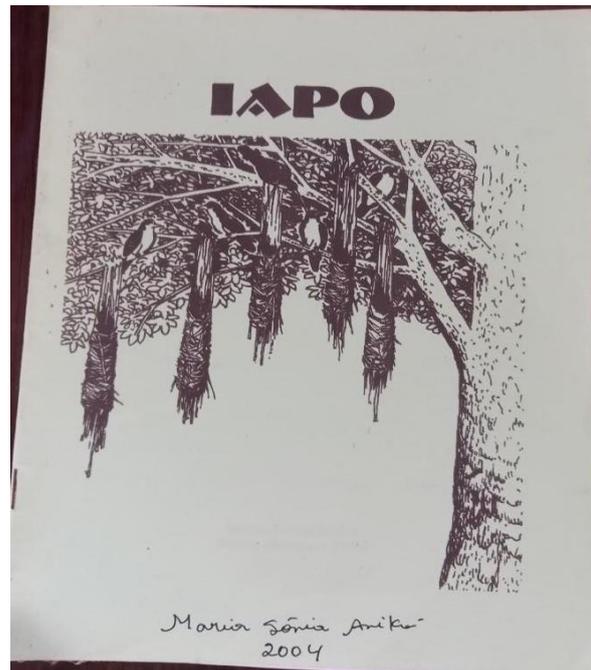
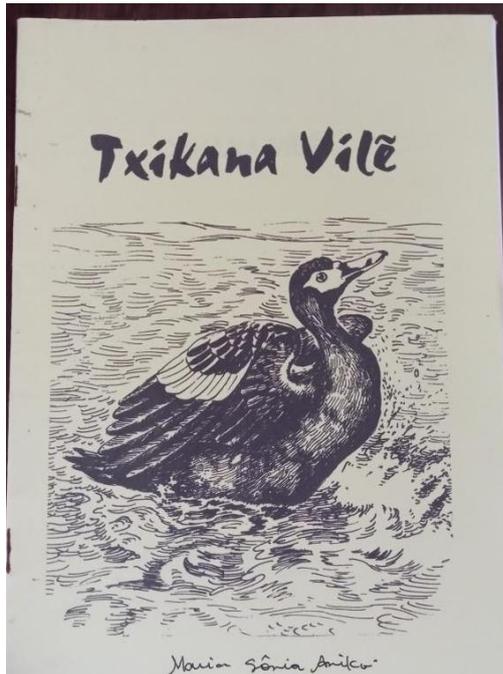
③ Anũ fe sa kai adpiriã - rela i subtharã .  
 a)  $\text{O O O} + \text{O O} =$   $\square\square\square\square + \square\square =$   
 $\text{O O O} + \text{O O O} =$   $\triangle\triangle\triangle\triangle + \triangle\triangle\triangle =$   
 $\text{O O O O} + \text{O O O O} =$   $5 + 5 =$   
 $\text{O O O O} + \text{O O} =$   $2 + 2 =$   
 $\text{O O O O O} + \text{O O} =$   $3 + 2 =$   
 $\text{O O O O O O} + \text{O O} =$   $4 + 4 =$   
 b)  $\text{O O O O} - \text{O O O} =$   $3 - 1 =$   
 $\text{O O O O O} - \text{O O O O} =$   $4 - 2 =$   
 $\text{O O O O O O} - \text{O O O O O} =$   $6 - 3 =$   
 $\text{O O O O O O O} - \text{O O O O O} =$   $7 - 4 =$   
 $\frac{6}{-3}$   $\frac{7}{-2}$   $\frac{4}{-2}$   $\frac{3}{-1}$   $\frac{2}{-1}$   $\frac{4}{-1}$   $\frac{5}{-3}$

Obs: Conversar com os alunos sobre alimentação e preservação das traças.

Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká, 2021

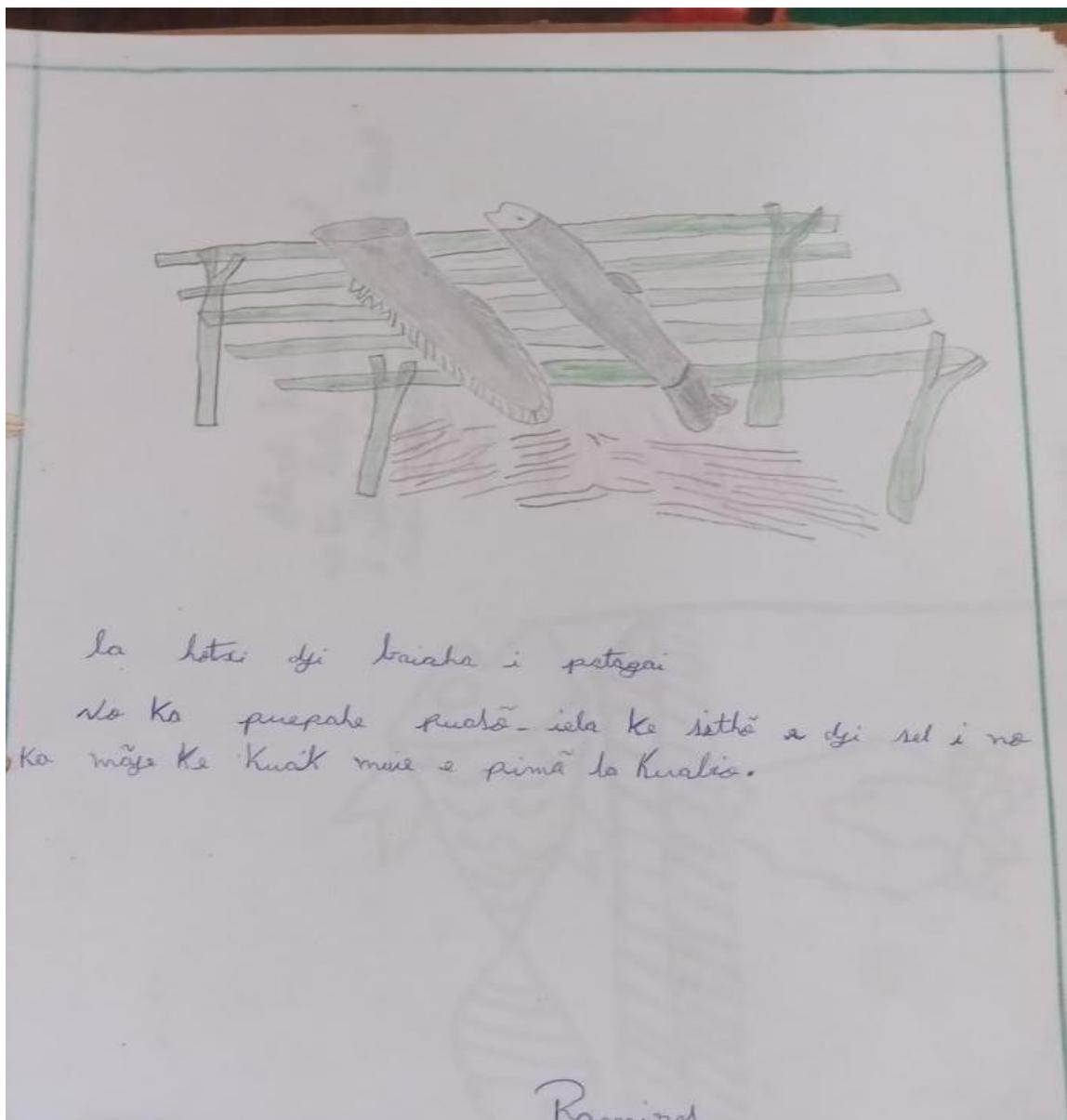
Na sequência de fotos seguinte, temos ilustradas as capas dos livros de histórias produzidos para dar suporte as minhas aulas de língua kheuol, foram publicados pelo CIMI, para todas as escolas indígenas da região. Além das histórias tem atividades interdisciplinar.

Foto 10 - Livros de histórias



Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká, 2021

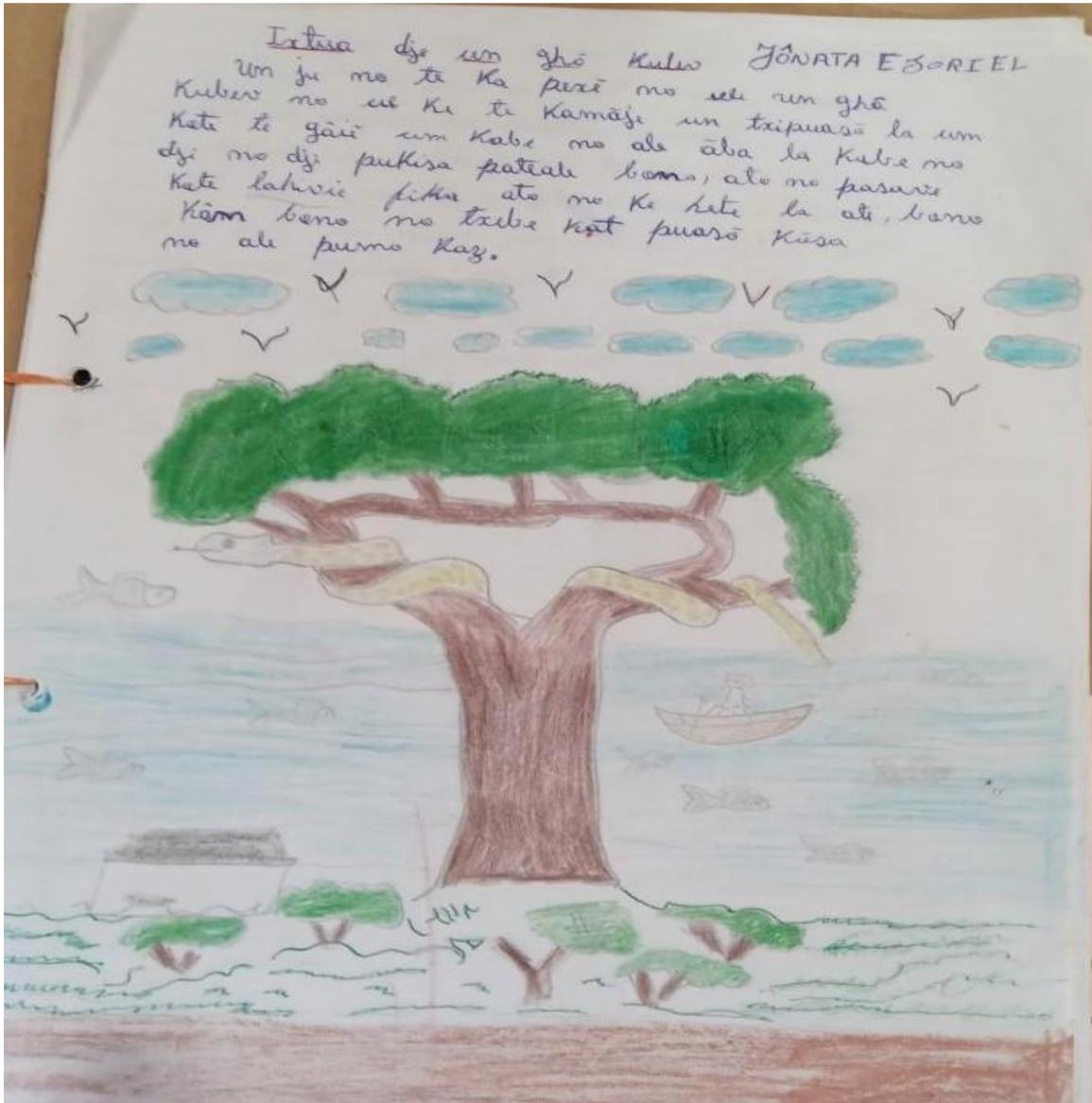
Foto 11 - Trabalho de aluno



Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká, 2021

Este trabalho é de um aluno da 4ª série que hoje é o 5º ano do Ensino Fundamental do ano de 2010. Pesquisa de campo sobre comidas típicas da comunidade.

Foto 12 - Trabalho de aluno em pesquisa de campo



Fonte: Acervo pessoal Sônia Aniká, 2021

Este trabalho produzido é de 2010, de dois alunos pesquisa de campo sobre lendas e mitos da comunidade. Por fim, queremos mostrar a importância do professor produzir seu próprio material didático na língua kheul para subsidiar suas aulas com segurança, além de preservar, estudar a sociolinguística desta língua para repassar para as futuras gerações, vê-la sua verdadeira língua materna.

### **3.3.5 UMA MUDANÇA DE PARADIGMAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA KHEUOL NA E.I.E.J.I**

Tendo em vista os aspectos observados e analisados das respostas dos questionários, posso dizer que a língua kheuol precisa urgentemente de professores formados na área de linguagem somente para trabalhar a língua nas series iniciais, como uma nova metodologia e pedagogia própria para a língua. Ao longo da minha experiência de 28 anos de docência nesta escola, observando as aulas de língua kheuol, os novos professores indígenas não desenvolvem seus planejamentos adequados com os que rege no currículo CKGM, que o aluno indígena tem que aprender a partir da sua realidade e depois o mundo a nível global.

Quanto a metodologia do CKGM, para a introdução das vogais, alfabeto e famílias silábicas, o ensinamento é a partir de uma história contada pelo aluno do seu dia a dia. Ensinam somente gramática e leitura dos mitos escritos nos livros, o professor tem que valorizar o conhecimento do aluno, em especial a Educação Indígena, construído em seu cotidiano com sua família, seu conhecimento em ajudar a família na roça, pescar, caçar e participar dos eventos na comunidade.

Com os resultados da pesquisa nos perguntamos se a escola não poderia nomear um grupo de professores que pensa, fala, brinca e canta em kheuol, que possa valorizar a língua como patrimônio cultural e identidade do povo Karipuna da comunidade Manga. Do ponto de vista da estrutura e da equipe da escola, esse cenário deveria estar respaldado no PPP da E.I.E.J.I um professor assistente para auxiliar o professor não falante da língua kheuol em seus planos de aulas e também nas aulas da língua, um pedagogo para auxiliar os professores do Ensino Fundamental 1, na metodologia de ensino aprendizagem e criar novos materiais didáticos na língua como: jogos, teatros com os mitos e lendas, contador de histórias, trabalho de campo: levar as crianças para conhecer os falantes da língua, levar os alunos para intercâmbio com outras comunidades falantes da língua kheuol. Na escola propor atividades envolvendo os alunos falantes da língua kheuol com os não falantes, fazer exposição dos trabalhos dos alunos falantes e convidá-los para expor oralmente para incentivar os alunos não falantes a gostar da língua kheuol.

É de fundamental importância lembrar o pensamento do professor Euclides Pereira, Macuxi/RR, do II capítulo, “A escola indígena tem que estar referenciada no território, na língua, na cultura, se não ela não tem sentido, não nos ajuda em nada. A ideia de fundo da educação escolar indígena é a construção da autonomia” (DIREITOS INDÍGENAS NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988, p. 11. 2002). A língua kheuol para a comunidade Manga

representa tudo, território em seu universo mítico e geográfico onde são contados os mitos e lendas; na cultura seus costumes e tradições; na língua kheuol sua identidade étnica.

A comunidade Manga tem todos estes aspectos culturais, ainda faz ações na coletividade com escola voltada para língua kheuol, quando fala a língua nas reuniões comunitária, nos mutirões de limpeza, plantação da roça e nos rituais do Turé e participa de todos os eventos da escola. Porém será que a comunidade Manga tem dado valor para a língua kheuol com todas essas características culturais, como tem falado o professor Babati, em defesa das línguas indígenas, a língua indígena é: “...que a nossa língua materna seja considerada a autoridade máxima, como uma disciplina principal. E que a língua portuguesa seja a segunda língua. Isso de acordo com as diferentes etnias, mas sempre valorizando o que é de origem” (BABATI, XAVANTE, MT. p. 119. Ano. 1998). Talvez o povo Karipuna da comunidade Manga por ter sofrido tantos anos preconceito sobre a língua kheuol que ela era um dialeto não uma língua indígena, tenha não dado o valor que ela merece, mais com todos os problemas a língua kheuol está viva na comunidade Manga.

Com esta pesquisa e como indígena do povo karipuna da comunidade manga, educadora e pesquisadora tenho o dever e direito em lutar em prol de meu povo e principalmente da minha língua materna kheuol, “minha língua minha identidade”, para o fortalecimento da minha cultura e tradição. Como educadora e formação na área da linguística lutarei junto a escola com projetos que fortaleça a língua kheuol e nas reuniões da OPIMO como membro da organização falarei da formação de professores, produção de novos materiais didáticos, reformulação dos PPPs das escolas e do currículo KGM, com valorização, fortalecimento e preservação da língua, na comunidade falarei nas reuniões e assembleias da importância da língua para futuras gerações e fortalecimento da identidade karipuna. A língua é tudo para um povo, como dizia minha avó: A língua nasce com o povo, vive como o povo e morre com o povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, da minha experiência docente e da análise dos questionários dos professores das series iniciais sobre o Ensino da Língua Kheul na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, fica evidente a importância da língua kheul para a comunidade e escola como identidade do povo, com interação social entre si e em suas particularidades com a sua cultura e espaço onde vivem. Na Dissertação, acima de tudo procurei mostrar, dentro do que une as respostas dos questionários dos professores das series iniciais, as respostas das perguntas dos itens (i-ii e iii) expostas na Introdução da Dissertação. Vimos que, com toda precariedade da falta de material didático, o ensino da língua kheul como disciplina nas series iniciais, segundo as respostas dos questionários dos professores indígenas, não tem servido muito para o fortalecimento da língua kheul, pois há dificuldades dos professores que atuam nestas series, que entendem a língua kheul, mas não a dominam no seu cotidiano.

Além disso, a base das análises dos questionários sobre a metodologia do ensino da língua kheul nestas series tem sido passado como tradução, por falta do professor não ter participado de nenhuma especialização na língua kheul. Por outro lado, a primeira língua ensinada para os alunos em seus primeiros anos de vida escolar é a língua portuguesa, que é a língua materna do mais jovens e crianças, porém não podemos esquecer que existem alunos nestas series que tem a língua kheul como materna, que a língua kheul é ensinada para todos como segunda língua. Por fim, o ensino da língua indígena na escola é para garantir que o aluno indígena seja orientado para lidar com os dois mundos diferentes, o do seu povo e o mundo lá de fora, ter conhecimento globalizado.

Esta dissertação contribuirá muito para as escolas indígenas principalmente na valorização dos materiais didáticos produzidos pelos professores para trabalhar com a língua kheul. Também, para a Educação Escolar Indígena na valorização do ensino bilíngue nas escolas indígenas da região da Terra Uaçá.

## REFERÊNCIAS

ANIKÁ N. **A educação escolar entre os Karipuna**: História e perspectivas da aldeia Manga. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amapá. Binacional –Polo Oiapoque, 2011.

As Leis e a educação escolar indígena: **Programa Parâmetros em Ação de Educação a Escolar Indígena**. Org: Luis Donisete Benzi Grupioni. -Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. 2001

ANIKÁ M.S, FORTE. J. S e GOMES A.A.S. **Português Brasileiro entre populações karipuna do Oiapoque**- Promoção Linguística, escola e sala de aula de língua indígena. Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena. (Serie Ensino de Línguas em Contexto Indígena (ELCIND)). Macapá: Ed .UNIFAP, 2019.

BRASIL. **Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas**: Karipuna e Galibi-Marworno no Município de Oiapoque. 2ª ed. Belém: Mensageiro, 2006.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília MEC/SEF, 1998.

CAMPETELA, C; SANTOS, G. M. F.; SILVA, E. B.; SILVA, G. R. **Documentação, Linguística, pesquisa e Ensino**: Revitalização no contexto indígena do Norte do Amapá. Revista do programa de pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume 13, n. 1 jan de 2017, p. 151-167. ISSN 2238-975X1.

CAVALCANTE, M. C. (1999). **Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil**. In: D. E. L. T. A., p. 385-417.

FORTE. A. F. **Derivando Substantivos a partir do verbo**. Kheuol Karipuna. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amapá, 2018.

KAHN. M e FRANCHETO.B. **Educação I. no Brasil: Conquistas e desafios**. Em aberto, Brasília. V 14, n. 63. jul/ set. 1994.

GOMES, A. A. S. (Org.). **Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena**. (Serie Ensino de Línguas em Contexto Indígena (ELCIND)). Macapá: Ed .unifap, 2019.

GOMES, A. A. S. Identidades na escola indígena brasileira: um caso para pensar. In: Márcio Adriano de Azevedo; Lenina Lopes Soares Silva; Eloisa Varela Cardoso de Arruda. (Org.). **Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Diversidade**: contextos, fundamentos e práticas. 1ed.João Pessoa: Editora IFPB, 2019, v. 1, p. 278-302.

LUCIANO, G.S. **O Índio Brasileiro**: o você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje- Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade;LCED/ Museu Nacional. 2006.

MATERIAIS DIDÁTICOS NA LÍNGUA KHEUOL. Org: **CIMI** (Conselho Indigenista Missionário). Gramática Pedagógica Experimental da língua Kheuol; Dicionário; Cartilhas: No

lang, No lang pu no thavai, no ka kumase ãphan lãdã no lekol kheuol, Kumã djivet fe pu mõthe xak sõ e Lide pu xak pahol. Trav. Nina Ribeiro, 264- S. Braz. Belém -Pará. Brasil. Ano: 1981.  
**Peixes e Pesca:** Conhecimentos e práticas entre os povos indígenas do Baixo Oiapoque, Amapá/Lux Boelitz, Pauline Adelaide Laval ( org). -1. Ed. - São Paulo: Iepe, 2019.

SOUZA, C.C.; FACCIÓNI, F. Os e Ensino a busca pelo material didático Kinikinau e Terena. Org. Antonio Almir Silva Gomes. **Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena.** (Série Ensino de Línguas em Contexto Indígena (ELCIND)). Macapá: Ed .UNIFAP, 2019.

SILVA, R. G. **Educação Escolar na Fronteira do Brasil entre os Karipuna e Galibi-Marworno:** da assimilação à autonomia. ANPUH. São Paulo, junho 2011.

SANTOS, E. ANIKÁ, M. S. **O Currículo de Ensino da Língua Kheuol na Escola Indígena Jorge Iaparrá:** Desafios e possibilidades. Trabalho de Conclusão de Curso. FTA Faculdade de Tecnologia de Macapá. Instituto Apoema de Desenvolvimento Educacional Ltda. 2015.

SANTOS, G.M.F, SIVA, G. R. **Dois ortografias, uma língua:** as variedades Karipuna e Galibi-Marworno do kheuol do Uaçá. PORTO DAS LETRAS. V. p. 228-250. 2020.

## ANEXOS:

Professora: Lealdy Rodrigues da Silva  
Turma: 5º ano do Ensino Fundamental

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO A PROFESSORES DE LÍNGUA KHEUOL  
DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARRÁ

Este questionário é para mostrar a dificuldade que alguns professores têm em relação ao ensino de língua Kheul, a partir das análises espera-se que a pesquisa sirva de apoio para reflexão na metodologia e ensino da língua Kheul, pois que venha fortalecer a identidade Karipana.

1. Você professor (a) conhece ou tem o currículo (RCM) como ferramenta de auxílio para o ensino sobre o ensino da língua Kheul? **Sim. Eu tenho o (RCM), e mesmo é muito importante para nós Profissionais indígenas, principalmente nos níveis básicos e ajuda para melhorar o desempenho no seu planejamento.**
2. Você professor (a) conhece ou tem o Referencial Curricular Nacional para as Línguas Indígenas (RCNL) como ferramenta de auxílio para o ensino sobre o ensino da língua Kheul? **Nos estados indígenas é de fundamental importância para os professores que não tem domínio da língua Kheul.**
3. Você usa o Currículo KGM e o RCNL para planejar suas aulas? **Sim. Primeiro preciso ler o RCN e o KGM, e então dou meu parecer sobre meus conteúdos para poder fazer um bom planejamento e ministrar uma boa aula.**
4. Você professor (a) tem dificuldade de utilizar e generalizar a língua Kheul em seu planejamento? **Quis? Eu tenho um pouco de dificuldade de utilizar gramática da língua Kheul em meu planejamento, etc. porque alguns falares que a gente não sabe falar.**
5. Quais materiais você professor (a) usa para o ensino da língua Kheul? **Materiais como: A Propriedade Gramática, Cartilha e outros materiais que a escola tem para o ensino da língua Kheul.**
6. Você participa de algum curso sobre o ensino da língua Kheul? **Sim, participei de uma oficina de língua Kheul a qual mesmo no estado indígena não tem curso, mas participei de uma oficina de Intercultural.**
7. Quais ações você faz em suas aulas para melhorar a credibilidade e a cultura indígena? **Eu tento que os professores tenham que desenvolver estratégias como: quando interpretamos os conteúdos de sua de aula, lerem juntos e discutirem, no livro em português também.**
8. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o ensino da língua Kheul? **Eu acho que poderia ser feito o ensino da língua Kheul em sala de aula, solicitar o mesmo que seja bastante e permanecer em suas aulas bastante apresentando de trabalho voltado para a língua Kheul.**
9. Em sua opinião professor (a), qual o desafio maior para que os alunos saiam do ensino infantil até o 9º ano de fundamental falando e compreendendo a língua Kheul? **É um desafio bastante complexo, porque tem muitos professores que não sabem falar a língua Kheul e isso é um grande problema.**
10. Como professor (a), como ver as ações das instituições e comunidades locais sobre o ensino da língua Kheul no estado? **Eu acho que os professores da comunidade, porque que as instituições locais deveriam apoiar mais os professores na escola, fazendo cumprir os horários e valorizar a língua Kheul nos níveis indígenas.**
11. Você professor (a) enfrenta dificuldade em ensinar a língua Kheul? **Não venho enfrentar sim dificuldade em ensinar na língua Kheul, mais não por isso deixa de fazer o meu trabalho. Porque bastante faz planejamento de alguns professores de língua Kheul, a partir daí fazer meu planejamento e ministrar uma boa aula.**

12. Você professor (a) pode dizer o que você normalmente ensina da língua durante

suas aulas? **Eu ensino meus alunos contarem histórias na língua, produzir pequenos textos na língua e fazer eles valorizar a língua Kheul que isso que mantém nossa identidade de povo.**

13. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o ensino da língua Kheul na

sala de aula? **Talvez a escola fizessem oficina com os professores, onde os professores que tenham domínio da língua Kheul ministrassem esse curso, eu penso que essa troca de conhecimento ia fortalecer muito o aprendizado e melhorar o nosso trabalho em sala de aula.**

Francinete dos Santos (1º ano Ensino Fundamental 1)

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO A PROFESSORES DE LÍNGUA KHEUOL  
DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE LAPARRÁ

Este questionário é para mostrar a dificuldade que alguns professores têm em relação ao ensino de língua Kheuol, a partir das análises espera-se que a pesquisa sirva de apoio para reflexão na metodologia e ensino da língua Kheuol, para que venha fortalecer a identidade Karipuna.

1. Você professor (a) conhece ou tem o currículo (KGM) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol?  
*Sim: Porque vejo como meio de orientar e acompanhar os professores nas suas aulas.*
2. Você professor (a) conhece ou tem o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol?  
*Sim: O RCNEI é uma ferramenta de estudo e planejamento na língua Kheuol.*
3. Você usa o Currículo KGM e o RCNEI para planejar suas aulas?  
*Sim: para ter o acompanhamento na escola.*
4. Você professor (a) tem dificuldade de utilizar a gramática de língua kheuol em seu planejamento? Quais?  
*Sim: Tenho poucas dificuldade na escrita principal, porém nas palavras difícil.*
5. Quais materiais você professor (a) usa para suas aulas de língua kheuol?  
*Os materiais que se usavel são: Mini-dicionários e Gramática Kheuol e alguns livros.*
6. Você participou de algum curso sobre o ensino da língua kheuol?  
*Não: participei de curso na língua Kheuol.*
7. Quais ações você faz em suas aulas para trabalhar a oralidade e a escrita em kheuol?  
*As ações para trabalhar são os diálogos, ditados, contação de histórias na língua.*
8. Em sua opinião, o que pode ser melhorado na escola para melhor ensinar a oralidade e a escrita em kheuol?  
*É que a escola deveria disponibilizar mais materiais na língua Kheuol, promover eventos direcionados a língua.*
9. Em sua opinião professor (a), qual o desafio maior para que aos alunos saiam do ensino infantil até o 5º ano de fundamental falando e escrevendo a língua kheuol?  
*O desafio maior é a falta de interesse, atenção e compreensão de cada aluno na escola.*
10. Como professor (a), como vem as atitudes das lideranças e comunidade local sobre o ensino de língua kheuol na escola?  
*As lideranças juntamente com a comunidade estão sempre além brincando e operando o ensino da língua Kheuol na escola.*
11. Você professor (a) encontra dificuldade em ensinar a língua kheuol?  
*Sim: encontro um pouco de dificuldade na escrita até mesmo pela falta de materiais.*
12. Você professor (a) pode dizer o que você normalmente ensina da língua durante suas aulas?  
*Ensino as brincadeiras, mesiguinhas, leitura e escrita na língua Kheuol etc.*
13. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o ensino da língua kheuol na sala de aula?  
*Para melhorar o ensino devemos promover eventos e sempre estar dialogando na língua Kheuol.*

*Naia dos Santos (3º ano E. Fundamental 1)*  
**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO A PROFESSORES DE LÍNGUA KHEUOL  
 DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARRÁ**

Este questionário é para mostrar a dificuldade que alguns professores têm em relação ao ensino de língua Kheuol, a partir das análises espera-se que a pesquisa sirva de apoio para reflexão na metodologia e ensino da língua Kheuol, para que venha fortalecer a identidade Karipuna.

1. Você professor (a) conhece ou tem o currículo (KGM) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol?

*Sim*

2. Você professor (a) conhece ou tem o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol?

*Sim*

3. Você usa o Currículo KGM e o RCNEI para planejar suas aulas?

*Sim*

4. Você professor (a) tem dificuldade de utilizar a gramática de língua kheuol em seu planejamento? Quais?

*Não*

5. Quais materiais você professor (a) usa para suas aulas de língua kheuol?

*Uso pequena cartilha ou livro produzido pelo CIMI.*

6. Você participou de algum curso sobre o ensino da língua kheuol?

*Sim*

7. Quais ações você faz em suas aulas para trabalhar a oralidade e a escrita em kheuol?

*com livro ou dialogar com os alunos fazendo leitura de história ou mito.*

8. Em sua opinião, o que pode ser melhorado na escola para melhor ensinar a oralidade e a escrita em kheuol?

*tem cursos da língua Kheuol e mais materiais de datices*

9. Em sua opinião professor (a), qual o desafio maior para que aos alunos saiam do ensino infantil até o 5º ano do fundamental falando e escrevendo a língua kheuol?

*O desafio maior é que se a escola trabalhar a língua Kheuol e a comunidade não.*

*Porque as famílias na prática a língua indígena*

10. Como professor (a), como vê as atitudes das lideranças e comunidade local sobre o ensino de língua kheuol na escola?

*As lideranças sempre participam das reuniões da escola com preocupação de valorização da língua Kheuol.*

11. Você professor (a) encontra dificuldade em ensinar a língua kheuol?

*As vezes sim mais procuro me orientar com outros colegas da escola.*

12. Você professor (a) pode dizer o que você normalmente ensina da língua durante suas aulas?

*As vogais, as conso, os números e outros.*

13. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o ensino da língua kheuol na sala de aula?

*Deveria ter mais materiais de datices e mais capacitação de cursos na língua Kheuol.*

# Bucilene dos Santos (2º ano E. Fundamental 1)

## QUESTIONÁRIO DIRECIONADO A PROFESSORES DE LÍNGUA KHEUOL DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARÁ

Este questionário é para mostrar a dificuldade que alguns professores têm em relação ao ensino de língua Kheuol, a partir das análises espera-se que a pesquisa sirva de apoio para reflexão na metodologia e ensino da língua Kheuol, para que venha fortalecer a identidade Karipuna.

1. Você professor (a) conhece ou tem o currículo (KGM) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol?  
*eu tenho e conheço um pouco do currículo*
2. Você professor (a) conhece ou tem o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua kheuol?  
*eu tenho (RCNEI) como ferramenta*
3. Você usa o Currículo KGM e o RCNEI para planejar suas aulas?  
*Sim é fundamental no planejamento*
4. Você professor (a) tem dificuldade de utilizar a gramática de língua kheuol em seu planejamento? Quais?  
*Não*
5. Quais materiais você professor (a) usa para suas aulas de língua kheuol?  
*- A gramática e eu produzo meu material*
6. Você participou de algum curso sobre o ensino da língua kheuol?  
*se de algumas oficinas*
7. Quais ações você faz em suas aulas para trabalhar a oralidade e a escrita em kheuol?  
*Trabalho mistura em Kheuol e com desenho*
8. Em sua opinião, o que pode ser melhorado na escola para melhor ensinar a oralidade e a escrita em kheuol?  
*Não minha opinião tem que ter professoras de Kheuol pra trabalhar so Kheuol*
9. Em sua opinião professor (a), qual o desafio maior para que aos alunos saiam do ensino infantil até o 5º ano do fundamental falando e escrevendo a língua kheuol?  
*O desafio maior é a oralidade*
10. Como professor (a), como ver as atitudes das lideranças e comunidade local sobre o ensino de língua kheuol na escola?  
*Não meu ponto de vista a comunidade não está ajudando muito so é a escola*
11. Você professor (a) encontra dificuldade em ensinar a língua kheuol?  
*eu tenho um pouco de dificuldade por que nós não temos materiais adequado para trabalhar de acordo com as séries.*
12. Você professor (a) pode dizer o que você normalmente ensina da língua durante suas aulas?  
*ensino a oralidade, a escrita*
13. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o ensino da língua kheuol na sala de aula?  
*Não minha opinião com fa responde algumas pergunta é o professor falar eu seja explicar na língua Kheuol não em português*

Juliana Anika dos Santos ( 1º Período Educação infantil )  
 QUESTIONÁRIO DIRECIONADO A PROFESSORES DE LÍNGUA KHEUOL  
 DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARRÁ

Este questionário é para mostrar a dificuldade que alguns professores têm em relação ao ensino de língua Kheuol, a partir das análises espera-se que a pesquisa sirva de apoio para reflexões na metodologia e ensino da língua Kheuol, para que venha fortalecer a identidade Karipuna.

1. Você professor (a) conhece ou tem o currículo (KGM) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua Kheuol?

Não tenho, não conheço.

2. Você professor (a) conhece ou tem o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) como ferramenta de subsídio para orientação sobre o ensino da língua Kheuol?

Sim conheço.

3. Você usa o Currículo KGM e o RCNEI para planejar suas aulas?

algumas vezes o RCNEI

4. Você professor (a) tem dificuldade de utilizar a gramática da língua Kheuol em seu planejamento? Quais?

não.

5. Quais materiais você professor (a) usa para suas aulas de língua Kheuol?

livros de história, livros de músicas, cartilhas com desenhos e frases, pintura e alguns desenhos que fazem parte de nossa cultura.

6. Você participou de algum curso sobre o ensino da língua Kheuol?

nenhum (nunca participei)

7. Quais ações você faz em suas aulas para trabalhar a oralidade e a escrita em Kheuol?

conversa informal, trava línguas, cantigas de roda e a leitura.

8. Em sua opinião, o que pode ser melhorado na escola para melhorar o ensino da oralidade e a escrita em Kheuol?

o material didático, que deveria ser específico para cada turma. (cada)

9. Em sua opinião professor (a), qual o desafio maior para que os alunos saiam do ensino infantil até o 5º ano de aprendizagem falado e escrito da língua Kheuol?

o desafio maior é a dificuldade de se expressar na língua Kheuol por que o maior é falado da língua portuguesa.

10. Como professor (a), como vê as atitudes das famílias e comunidade local sobre o ensino de língua Kheuol na escola?

Vejo como um propósito de fortalecer e valorizar a língua e a cultura.

11. Você professor (a) encontra dificuldade em ensinar a língua Kheuol?

Sim, mas não muito.

um pouco, já que não fui totalmente preparada, nunca participei de cursos relacionados ao ensino da língua e o meu ensino como professora da língua Kheuol vem do meu aprendizado adquirido durante os estudos, e principalmente do meu esforço em valorizar a língua Kheuol.

12. Você professor (a) pode dizer a que você normalmente ensina da língua durante suas aulas?

Gratuito o básico, como: palavras do nosso dia-a-dia - cantigas de rodas, contos e lendas, figuras de animais, plantas, meio de transporte - a fauna e flora - objetos do nosso cotidiano etc.

13. Em sua opinião, a que poderia ser feita para melhorar o ensino da língua kheul na sala de aula?

Melhoria Ter um professor específico nestas áreas, que trabalhasse apenas a língua kheul e

Juliana Anika dos Santos

Educação infantil 4º período